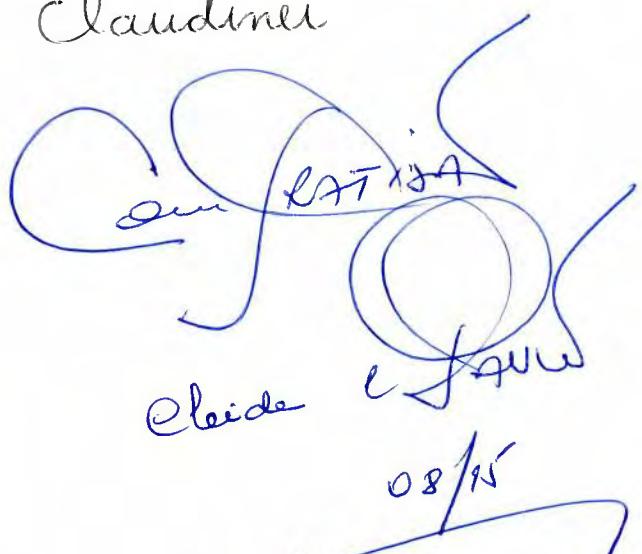


CONTOS E POESIAS



CONTOS E POESIAS

Claudinei



Uma coletânea de contos e poesias
de alunos do Projeto Crescer

Arapongas, PR

ALELUIA®

- 2015 -

CONTOS E POESIAS

Uma coletânea de contos e poesias de alunos do Projeto Crescer

Projeto - Professora

Andressa Oliveira

Participação - Professor

Thiago Henrique da Silva Sales

Colaboração - Professor

Renan Ricardo Rosa

Revisão

Artur Palú Filho

Capa

João Luiz Ramos Cereia

Edição de Arte

Claudinei A. Fernandes

Todos os direitos reservados à **Casa do Bom Menino de Arapongas.**

Arapongas - PR, 2015.

Presidente: Paulo Hermínio Pennacchi

Maria Cleide Zanin Pennacchi

Secretário: Luiz Antonio Sartório

Tesoureiro: Reginaldo Giroldo

Diretora: Marisa Padovezi Ferreira Bazana

Coordenadora: Vanessa dos Santos Pereira Munhoz

Supervisora: Aline de Oliveira

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por quaisquer meios eletrônico, mecânico, fotocopiado, gravado ou outro, sem autorização prévia por escrito dos autores.

Os infratores serão processados na forma da lei.

Diagramação: Cléverson Faverzani

Impressão e Acabamento: Aleluia Empreendimentos Gráficos Ltda.

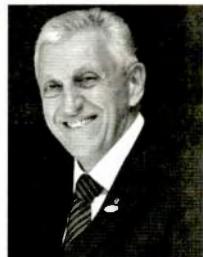
Tel. (43) 3172-4000 - aleluia@editoraaleluia.com.br

Amar e Servir!

2004. Casa do Bom Menino de Arapongas
- Sistema Casa Lar.

O tempo tinha passado! Vinte e sete anos desde a sua fundação.

O então Presidente, Sr. Paulo Hermínio Pennacchi, integrante do Lions Clube Arapongas, sonhava em atender ali, naquela estrutura, um número maior de crianças, proporcionar um crescimento mais efetivo a elas que eram acolhidas e normalmente retornavam ao convívio de suas famílias ou, também, para serem adotadas, por determinação do Conselho Tutelar.



Num cenário diferente daquele - de quando a entidade foi fundada - nos últimos anos que antecederam 2004, com exceção das crianças que eram adotadas, as demais que chegavam, mesmo atendidas com todo carinho, não tinham perspectivas de crescimento, pois todas as melhorias conseguidas no período em que ali permaneciam se perdiam devido às frequentes idas e vindas para suas famílias, que eram de risco. Bebida, drogas, dificuldades financeiras... Era pouco produtivo todo o trabalho dos pais sociais, acompanhamentos médico, nutricional, pedagógico, religioso, psicológico... Pouco conseguiam absorver. Pouco evoluíam. Talvez um trabalho mais de socorro. Sem falar no inconstante número de internos, o que dificultava a sobra ou falta de funcionários.

O Presidente antevia que aquela estrutura poderia proporcionar para muito mais crianças e adolescentes uma educação continuada para a vida em sociedade, além de afastá-los dos perigos das ruas. Eram crianças e jovens com potencial para seguir em frente com seus estudos, descobrir seus talentos e potenciais e aí evoluir. Por que não transformar três casas existentes no local da entidade, em uma escola no sistema de contra-turno escolar?

Em reunião com os Companheiros do Lions Clube Arapongas, ficou decidido que para o bem-estar das crianças que ali estavam, a entidade funcionaria somente mais um ano naquele sistema. A comunicação foi feita ao Judiciário, Promotoria e

Prefeitura. Durante tal período, o Sr. Paulo começa a trabalhar e estruturar o antigo Orfanato e Casa Lar, para transformá-lo numa escola, buscando o melhor modelo para implantar.

Em agosto de 2005, começa, então, a funcionar o projeto, com 65 alunos, todos meninos.

Para tudo acontecer, além do amor e da imensa vontade de servir, do seu idealizador, juntaram-se a essa realização alguns integrantes do Lions, dezenas de empresários de Arapongas e de outras cidades, pessoas conhecidas ou amigas do presidente e também outras de boa vontade, todas com um mesmo sentimento humanitário.

O nome “Casa do Bom Menino” permaneceu, agora, então, abrigando o Projeto Crescer.

Em 2009, inicia-se uma parceria com a UNOPAR - Universidade Norte do Paraná - e outra unidade do Projeto foi criada, sob a coordenação da primeira.

Atualmente o Projeto atende 430 alunos, meninos e meninas, nas duas unidades

2015. Dez anos do Projeto Crescer. Sonho de um homem que, pelo Amar e Servir, certamente transformou a vida de todos os que pelo Projeto passaram!

Respeito e admiração ao Sr. Paulo Hermínio Pennacchi, Companheiro Leão do Lions Clube Arapongas, por idealizar e conduzir a entidade brilhante e apaixonadamente durante esses dez anos.



DEDICATÓRIA

Não poderíamos deixar este momento passar em branco, afinal, estamos comemorando 10 anos de Projeto Crescer. E, como forma de agradecimento por tudo que ele nos proporcionou e vem nos proporcionando nesta década de sucesso, gostaríamos de ofertar o nosso presente: um livro.

Ao senhor Paulo Hermínio Pennacchi, por sua capacidade de acreditar e investir no ser humano.

À Cleide Pennacchi, por seu amor, apoio e compreensão.

À Marisa Padovezi Ferreira Bazana, pela oportunidade, paciência e, principalmente, pelo carinho.

À Vanessa Munhoz e Aline de Oliveira, pelo incentivo e pelo apoio constantes.

Aos professores e incentivadores desse trabalho, Andressa de Oliveira, Renan Ricardo Rosa e Thiago Sales, por acreditarem no potencial de cada aluno.

Aos alunos e autores deste livro, que se dedicaram com valiosas e inspiradoras contribuições.

E, por fim, dedicamos a todas as pessoas que têm a leitura como uma viagem fantástica ao mundo do conhecimento, transformando a arte de ler em uma oportunidade de transcendência.

Sumário



| | |
|---|----|
| <i>Quem sou eu?</i> | 19 |
| <i>Reviravolta</i> | 25 |
| <i>Scoob e Eu</i> | 31 |
| <i>Mãe, na real: sou grande ou sou pequena?</i> | 40 |
| <i>Em busca da felicidade</i> | 46 |
| <i>Nem tudo que reluz é ouro</i> | 54 |
| <i>Mário: uma vida, um exemplo</i> | 63 |
| <i>A vida tem a cor que você pinta</i> | 72 |
| <i>Mundos diferentes, sonhos iguais</i> | 82 |
| <i>Para contemplar o arco-íris é preciso passar pela tempestade</i> | 92 |



| | |
|------------------------|-----|
| <i>Destino</i> | 103 |
| <i>Saudade</i> | 103 |
| <i>Natureza</i> | 104 |
| <i>Caminhos</i> | 104 |
| <i>Amizade</i> | 104 |
| <i>Noite</i> | 105 |
| <i>Caminhada</i> | 106 |
| <i>Música</i> | 106 |
| <i>Ilusão</i> | 107 |
| <i>Escolhas</i> | 107 |
| <i>Decisões</i> | 108 |
| <i>Pessoas</i> | 108 |
| <i>Culpa</i> | 109 |
| <i>Você</i> | 109 |

| | |
|-------------------------------|-----|
| <i>Amor</i> | 110 |
| <i>Seu Sorriso</i> | 110 |
| <i>Sofrimento</i> | 111 |
| <i>Mãe</i> | 111 |
| <i>Mundo</i> | 112 |
| <i>Perdão</i> | 112 |
| <i>Espelho</i> | 113 |
| <i>Atitudes</i> | 113 |
| <i>Ler Para Viajar</i> | 114 |
| <i>A Arte de Viver</i> | 115 |
| <i>Sofrimentos</i> | 115 |
| <i>Poeta</i> | 116 |
| <i>Ódio</i> | 116 |
| <i>Pecado</i> | 117 |
| <i>Morte</i> | 117 |
| <i>Derrota</i> | 118 |
| <i>Interesses</i> | 118 |
| <i>Ilusão</i> | 119 |
| <i>Sofrimentos</i> | 119 |
| <i>O Adolescente</i> | 120 |
| <i>Amor</i> | 120 |
| <i>Julgamento Final</i> | 121 |
| <i>Julgamentos</i> | 121 |
| <i>Pessoas</i> | 122 |
| <i>E Se?</i> | 122 |
| <i>Reflexão</i> | 123 |
| <i>Vaidade</i> | 124 |
| <i>Amor Profundo</i> | 124 |
| <i>Morte</i> | 125 |
| <i>Vida</i> | 125 |
| <i>Amor</i> | 126 |

Sumário Escritores



| | |
|----------------|----|
| 6º ano A | 24 |
| 6º ano B | 30 |
| 6º ano C | 39 |
| 6º ano D | 45 |
| 7º ano A | 53 |
| 7º ano B | 62 |
| 7º ano C | 71 |
| 8º ano A | 81 |
| 8º ano B | 91 |
| 9º ano A | 99 |



| | |
|--|-----------------------------------|
| Adrian de Lima Baraúna 9º ano A | 121 |
| Ana Beatriz de Oliveira (ex-aluna)..... | 124 |
| Daniele Souza Passos dos Santos 8º ano A | 119 - 120 |
| Edsel Rangel Moreira 8º ano A | 103 - 104 |
| Emily Rodrigues Ortolan 8º ano A | 103 |
| Giovana Lais dos Reis Teixeira 8º ano B | 109 |
| Gustavo Bueno da Conceição 9º ano C | 112 |
| João Luiz Ramos Cereia 9º ano A | 115 |
| João Vitor Pereira 9º ano C | 115 - 118 - 121 - 125 |
| Kawane Agatha Pereira 9º ano C | 113 |
| Lucas Fernando Bispo de Matos 8º ano C | 107 - 108 - 109 |
| Luciana Vitória Ribeiro da Silva 9º ano C..... | 115 - 116 - 117 - 118 - 123 - 124 |
| Marcelino Aparecido dos Santos Argolo Junior 9º ano B..... | 125 |
| Mariah Vitória Gonçalves 9º ano B..... | 113 - 122 - 123 |
| Mariana Mendes dos Santos 9º ano C | 110 - 111 - 112 |
| Nicolle Isabele Alves dos Reis 8º ano C | 120 |
| Richard Leonardo Domingues Bello 9º ano B | 110 - 126 |
| Yasmin Maria de Oliveira 8º ano A | 105 - 106 |

PREFÁCIO

Saber ler é a base que sustenta toda a vida em sociedade. Ler inclui, recria, expande, ensina, transforma, constrói e promove a cidadania.

Quem lê se torna dono da sua própria história e participa da construção de histórias coletivas. A prática da leitura se faz presente em nossa vida desde o momento em que começamos a compreender o mundo à nossa volta, ao decifrar e interpretar o sentido das coisas que nos cercam, ao perceber o mundo de diferentes formas e ao relacionar a ficção com a realidade em que vivemos.

Com a leitura, adquirimos mais conhecimento e cultura, o que nos fornece maior capacidade de diálogo e nos prepara melhor para viver em sociedade. Lendo, vivemos nossas experiências, pois passamos a conhecer mais o mundo e, também, sobre nós mesmos, já que a leitura nos leva à reflexão.

Nossos alunos foram convidados a desvendarem esse mundo e a criarem um mundo só deles, onde é permitido jorrar palavras, sentimentos e emoções sem limites. Essa viagem acontecerá quer seja por meio dos contos ou das poesias.

Boa viagem!!!

Andressa de Oliveira

Thiago Sales

*“Quem
mal lê,
mal ouve,
mal fala,
mal vê”*

Monteiro Lobato



Contos

QUEM SOU EU?

O dia das mães está chegando e o Colégio Maria Cecília preparou a essas guerreiras uma homenagem que vai acontecer no dia 08/05/2015, às 19h 30min. Sua presença é indispensável.

Com tristeza nos olhos, Arthur tenta entender o porquê de seus amigos terem uma mãe por perto e ele nem sequer conhecer a sua.

Seus pensamentos foram interrompidos com a batida do sinal, indicando o término de mais um dia de aula.

Na volta para casa, na companhia de seu melhor amigo, Nicolas, Arthur ganha forças e pergunta:

- Como é ter uma mãe?

Nicolas esperava qualquer pergunta menos aquela.

Não demorou muito para que daqueles olhos azuis uma lágrima de compaixão escorresse. Nicolas confessa ao amigo não ter resposta, pois sem sombra de dúvidas aquela pergunta tinha sido a mais difícil de sua vida... mas tenta...

- Mãe é um alguém que por vezes deixou de dormir, é capaz de dividir uma maçã para oito crianças, prepara os melhores bolos de chocolate, consegue lavar a roupa, limpar a casa, preparar o almoço, ajudar nas tarefas escolares, consegue sorrir quando seu maior desejo era de chorar, protege do perigo, o livra dos pesadelos, roga a Deus todas as noites para que durma bem e seja sempre feliz. Acredita que você pode ser sempre melhor e ainda consegue amá-lo sem pedir nada em troca. – diz Nicolas.

Arthur tenta ser forte, mas o sentimento o domina e sem poder se controlar começa a chorar. Nicolas desconcertado com a situação e sem saber o que fazer, calorosamente abraça o seu amigo.

Nicolas sugere a Arthur para juntos encontrarem sua mãe biológica.

Com sorriso nos lábios, Arthur acredita que aquela seria a chance de a encontrar. Decide imediatamente voltar para casa com

o intuito de buscar informações sobre seu passado. Arthur estava ciente de que não seria fácil, pois sua avó paterna dava sempre um jeitinho de se esquivar, quando esse era o assunto.

Ofegante e mais do que depressa sobe as escadas até o quarto da avó. Ele a encontra sentada em uma cadeira de balanço concentrada em seu hobby predileto: crochê.

- Para que esse desespero todo, meu filho? - diz a avó.

Ainda ofegante, pergunta:

- Vó, quem sou eu?

- E lá vem você com essa história de novo?!

Com os olhos lacrimejando, abre sua mochila e retira o bilhete que tinha acabado de receber na escola, para mais uma homenagem do dia das Mães.

Apontando o bilhete para a vó, ele desabafa:

- Eu não aguento mais viver com esse vazio dentro de mim.

- Filho, você está sendo ingrato com seu avô e comigo, nunca deixamos lhe faltar nada! – exclamou a avó.

- Vó, me entenda, não estou falando de bens materiais, estou falando do sentimento de ter uma mãe.

- Eu sempre fui como uma mãe para você!

- A senhora sempre foi como uma mãe, mas não é a minha mãe. Eu preciso conhecê-la e entender o porquê dela um dia ter me deixado.

- Não quero mais falar sobre este assunto, agora me dê licença que eu vou ao mercado buscar algumas coisas que estão faltando para o almoço.

Arthur volta para o seu quarto, mais uma vez sem saber quem era sua mãe. No fundo, no fundo, ele sabia que ela não contaria a verdade com medo de perdê-lo. Minutos depois, Arthur escuta o barulho da porta se fechando, era sua vó indo ao mercado. Aproveitou o momento e decidiu ir até o quarto dos avós para ver

se encontrava alguma pista que o levasse até a sua mãe. Precisava ser rápido e cauteloso, pois ela podia voltar a qualquer momento.

Arthur não sabia nem por onde começar, resolve procurar pelas gavetas, mas não encontra nada. Desesperado, o garoto não sabia mais por onde procurar, sua última alternativa seria dentro do guarda-roupa. Ao abri-lo, fica impressionado com a organização, pois todas as roupas eram separadas por cores, não havia nada fora do lugar, exceto uma caixa lilás que chamou sua atenção. A curiosidade o domina e faz com que ele retire a caixa de lá. Ao abri-la, encontra várias fotos de uma mesma mulher no seu período gestacional, abaixo das fotos existia um volume incalculável de cartas, todas elas endereçadas a mesma pessoa: Arthur Lima de Oliveira.

Arthur fica perplexo e não entende o porquê de nunca tê-las recebido. Decide então ler a primeira que encontrou.

“Maringá, 24 de abril de 2012.

Querido Arthur,

Hoje você completa 8 aninhos de idade, como o tempo passa! Lembro perfeitamente do dia em que você nasceu, aqueles olhos azuis, aquele rostinho angelical. Só Deus sabe o quanto queria estar com você, poder te abraçar, beijar, sentir o seu perfume e principalmente dizer o quanto eu te amo.

Filho, a vida nem sempre é como a gente gostaria que fosse. Há 8 anos fui forçada a sair de casa e te deixar com seus avós, fiz isso porque...”

Sua leitura é interrompida quando ouve um barulho e percebe que sua avó havia chegado.

Rapidamente, ele guarda a caixa no guarda-roupa de modo que a avó não percebesse que a mesma havia sido retirada de lá. Corre para seu quarto e guarda a carta em um lugar que sua avó jamais encontraria: na sua gaveta de cuecas.

- Arthurrrrr, chegsei do mercado. Olha só que maravilha, você decidiu arrumar seu quarto, já estava na hora!

- Pois é, dei uma organizada e agora vou tomar um banho.

Dona Isabel ficou feliz da vida com a atitude do neto em organizar o quarto, mas estranhou, pois ainda era muito cedo para ele querer tomar banho. Devia ser pelo fato de estar muito calor, pensou ela.

Arthur não se aguentava de tanta ansiedade para terminar de ler a carta, afinal de contas, ele estava prestes a descobrir quem era sua mãe e por que ela o havia deixado.

Para sua alegria, logo escurece e chega a hora do jantar. A angústia era tanta que o garoto mal conseguiu comer.

- Arthur, está tudo bem com você? - perguntou Joaquim, o avô.

- Oi, o que foi? - respondeu o garoto.

- Você está bem? - questionou o avô.

- Sim! – respondeu Arthur.

- É como se seu corpo estivesse aqui, mas sua mente não.

Terminado o jantar Arthur se prepara para dormir, pede benção aos avós e diz que vai se deitar.

- Deus te abençoe, boa noite!

Todos os dias, Dona Isabel e Seu Joaquim eram acostumados a dormir cedo, mas naquele dia, eles demoraram como nunca.

Finalmente, as luzes se apagam, logo os avós pegam no sono. Arthur silenciosamente pega a carta na gaveta para terminar de lê-la:

... o verdadeiro motivo por tê-lo deixado é que eu engravidrei muito nova, quando ainda tinha 16 anos, minha família era muito pobre, meus pais jamais aceitariam uma criança em casa. Passei os nove meses na casa de uma tia, tudo isso para que meus pais não desconfiassem de nada.

Filho, eu juro que se pudesse voltar no tempo, eu enfrentaria minha família e o resto do mundo só para ficar com você. Fui covarde em ter lhe deixado, como eu me arrependo!

Você não sabe, mas cuidei de você esses anos todos. Te ver todos os dias e não poder te abraçar, não poder dizer que sou a sua mãe, isso corrói o meu coração.

Espero que a vida algum dia me dê a chance de explicar-me.

Saudade, te amo.

Raquel Nascimento Lima de Oliveira - Sua mãe.

Ao terminar de ler a carta, Arthur se derrama em lágrimas.

- Meu Deus, pensar que todo esse tempo meus avós me enganaram, eles sabiam o quanto era importante para mim. Preferiram me ver deprimido, angustiado do que contar toda a verdade. - sussurrou.

- Espere, minha mãe disse na carta que me vê todos os dias e que nesses anos todos, ela sempre esteve por perto... Raquel Nascimento Lima de Oliveira, meu Deus, esse nome não é desconhecido, lembro de já ter visto em algum lugar.

Arthur fica pensativo por alguns minutos, aquele nome não era desconhecido. De repente, vem-lhe uma lembrança: o nome era de uma das zeladoras do Colégio, aquela que fazia questão de dar a ele *bom dia* todos os dias, perguntava como tinha sido a noite de sono, elogiava o seu desempenho na escola e em todos os seus aniversários levava sempre um presente.

- Sim, só pode ser ela. Esse tempo todo ela cuidou de mim, como não percebi que ela era a minha mãe. Preciso resolver essa situação o mais rápido possível, mas isso terá que ficar para amanhã. Para quem esperou 10 anos, esperar mais uma noite, não é nada.

Rolou a noite inteira, levantou muito antes do despertador tocar. Tomou seu banho, colocou o uniforme, engoliu o café da manhã e antes do horário foi para o Colégio.

Ao chegar à escola, a primeira pessoa que ele encontrou foi Raquel, com o coração apertado, disse:

- Raquel, já sei de toda verdade, por favor, não esconda mais nada, você é a minha mãe?

Raquel, de mãos atadas, sente o mundo desabando, ela sabia que o momento era aquele e responde:

- Sim, meu filho, eu sou a sua mãe. E o que você vai fazer agora? - pergunta.

- Vou fazer, mãe, o que em minha vida inteira tive vontade de fazer.

De repente, no pátio da escola, mãe e filho calorosamente se abraçam. O abraço foi tão intenso a ponto de fazer com que as pessoas ali presentes se emocionassem com tão bonita cena. Agora, finalmente, mãe e filho estavam juntos, exatamente como devia ter sido desde o início.

Escrito pelos alunos do 6º ano A :

Ana Carolina Rodrigues Lopes

Anny Vitoria Moraes Souza

Beatriz Vitória Pinetti Alves

Camilly Cristina dos Santos Chidre

Gabriel Matheus Nunes dos Santos

Guilherme Fialho Bastos

Henryck Barros Kona

Julia Freitas da Silva

Kellyn Vitoria Cândido Delfino

Matheus Henrique Pereira

Mizael Augusto Soares Oliveira

Nathan dos Santos Andrade

Renato Gabriel Mascomini de Souza

Rhebeka Domingues Borges Ferreira

Victória Gabrielle de Lucas

REVIRAVOLTA

Manhêêêêêêêê... – grita Bianca.

Cristina deixa as panelas no fogão e, desesperadamente, sobe as escadas até o quarto da filha.

- O que aconteceu, minha filha? – pergunta a mãe espavorida.

- Mãe, o que é essa coisa estranha no meu rosto?

Naquele momento, ao olhar para sua filha, a mãe fica emocionada, pois percebe que sua menina havia crescido.

- Bianca, sente-se aqui, vamos conversar. Esse é um sinal de que você está crescendo, está se aproximando de uma nova fase na sua vida: a pré-adolescência. Você está deixando de ser criança. A partir de agora, algumas vontades serão substituídas, você não sentirá mais entusiasmo para brincar de boneca, ir ao parquinho, assistir desenhos infantis, cantar músicas da Galinha Pintadinha, muito menos colorir os desenhos da Peppa Pig.

- Mãe, mas quem disse que quero deixar de ser criança?! - pergunta.

- Infelizmente, as transformações acontecerão sem que ninguém peça a sua autorização. – explicou.

- E como será minha vida daqui para frente? - indaga a garota.

- Daqui para a frente, muita coisa mudará. Seu corpo passará por algumas transformações, perceberá alguns centímetros a mais na sua altura, sentirá vontade de se maquiar todos os dias antes de ir à escola, escolherá suas próprias roupas e sapatos, fará novas amizades, terá vários professores e não mais os chamará de tia ou tio. E, falando em escola, amanhã será o seu 1º dia de aula no 6º ano.

Bianca fica pensativa com tudo que ouvira de sua mãe e não consegue disfarçar o medo que estava sentindo.

Cristina se lembra que tinha deixado as panelas no fogão e corre para ver se a comida não tinha queimado.

Enquanto Cristina descia as escadas, Bianca viaja em seus pensamentos, começa a sonhar acordada e fica triste ao se lembrar que a primeira fase a ser vencida era a mudança de cidade de sua melhor amiga.

Seus pensamentos foram interrompidos com sua mãe chamando-a para almoçar.

- Sim, já vou, estou faminta! - responde.

- Filha, olha o que eu preparei para você! - diz Cristina, apontando uma enorme travessa de lasanha.

- Oba, lasanha!

Bianca não exagerou quando disse que estava faminta, conseguiu comer três enormes pedaços. Assim que terminou de almoçar, voltou para o quarto, esbaforida e um tanto quanto ansiosa, não conseguia imaginar como seria seu primeiro dia de aula sem sua melhor amiga. Ainda presa em seus pensamentos, adormece.

Dormiu tanto que ao acordar já era noite, as horas estavam próximas do dia seguinte.

- Mãe, posso te dizer uma coisa?! Eu já estou com medo dessa nova etapa na minha vida, acho que quero continuar sendo criança.

- Não é preciso temer, eu estou aqui! - diz a mãe, acariciando seu cabelo.

- Quando criança, a única preocupação é escolher uma brincadeira para se divertir, não é preciso dormir tarde da noite, pensar em orçamentos e nas contas do mês...

- Você não acha que está exagerando, Bianca?! Querida, você tem apenas 11 anos e, não, 18 para pensar nessas coisas. Preocupe-se apenas com seus estudos, e agora, já passou da hora de estar na cama, amanhã depois da aula nós conversamos. Não se preocupe, vai dar tudo certo.

A ansiedade era tanta que Bianca rolou, rolou, rolou, a noite inteira. Quando a pobrezinha pegou no sono, já era hora de acordar. Pulou da cama antes mesmo do despertador tocar.

Rapidamente, organizou suas coisas e já estava pronta para ir à escola.

- Filha, venha tomar café!

- Já estou indo.

- Bom dia, dormiu bem?

- Não, dormi super mal, estou ansiosa para o primeiro dia de aula. – desabafou.

- Acalme o seu coração, já disse que vai dar tudo certo! – disse Cristina tentando acalmá-la.

Bi bi bi... era o sinal de que a van havia chegado.

- Filha, te desejo um ótimo dia!

- Obrigada mãe, para você também.

Bianca não consegue esconder o medo que estava sentindo, o melhor a se fazer, naquele momento, era jogar um joguinho do Pool. Distraiu- se tanto que num piscar de olhos chegou à escola. Ao ver aquela quantidade de adolescentes, todos olhando estranhamente para ela, a pobrezinha se sentiu a pior das espécies.

Decide então procurar a sua sala, não foi difícil encontrá-la, pois em todas as portas havia uma lista com o nome dos alunos que pertenciam àquela turma.

De repente um estrondo:

Triiiiiimmm... era o sinal indicando o início da aula.

- Ai, meu Deus, o que é isso?! - pensamento em voz alta de Bianca.

- Calma, esse é só o sinal de que já são 07h 30min, horário de iniciar as aulas. - diz Cleuza, a monitora do colégio.

- Ufa, que alívio! - responde Bianca.

- Agora vá para o pátio e encontre sua turma para formar fila. – informou Cleuza.

Ficou sem saber o que seria o tal do pátio para o qual a monitora tinha pedido para ela ir, pois era um colégio novo, onde tudo era diferente da escola em que tinha estudado. Prefere não perguntar, pois dona Cleuza poderia perceber que ela estava se sentindo fora da casinha.

Percebe uma movimentação, todos os alunos estavam indo para o mesmo lugar, resolveu então acompanhá-los. Ao chegar, fica espantada com a quantidade de alunos em um só lugar, parecia que estava em uma partida de futebol no Morumbi.

- Meu Deus, eu quero minha mãe. – suplica em pensamento.

Bianca olhou e não conseguiu reconhecer nenhuma daquelas criaturas. De repente, um toque em seu ombro, era Nicole, sua amiga do 5º ano. Nicole, naquele momento, foi como uma luz no fim do túnel. A presença da amiga a tranquilizou.

- Oi, que bom ver você! - diz Nicole.

- Oi, que ótimo te encontrar aqui! Quer dizer que vamos estudar no mesmo colégio? - pergunta Bianca, torcendo para que tivessem caído na mesma sala.

- Sim, na mesma sala, acabei de ver seu nome na lista.

Era tudo o que Bianca mais queria. Agora não tinha o porquê de se sentir sozinha, poderia contar com a presença de uma amiga.

A diretora, brevemente, desejou a todos um bom início de ano e pediu para que cada um fosse para sua sala e esperasse pelos professores.

Para tristeza de Bianca, as primeiras carteiras já estavam ocupadas, só restavam duas opções: canto ou fundo. Os dois lugares que ela mais odiava. Optou pelo menos pior: canto. Ela na frente e Nicole atrás.

- Olá, eu sou a professora Michele, de Matemática. – cumprimentou.

- Vixi, já vi que comecei com o pé esquerdo. Com tantas disciplinas, tinha que começar com Matemática?! - pensa em voz alta, Bianca.

- Pessoal, separem a primeira matéria do caderno para minha disciplina e começem a copiar o que vou passar. Ah, por favor, não percam tempo.

A pobrezinha da garota ficou apavorada com a agilidade das mãos da professora, parecia que ela tinha um motorzinho na mão. Bianca não tinha muito jeito com as canetas, copiou tudo tão devagar, que não conseguiu acompanhar a professora, deixando seu caderno com menos da metade do conteúdo.

- Senhor, por que tanta pressa? O dia tem 24 horas. - lamuriou Bianca.

Já não aguentava mais escrever, seus dedos estavam quase calejando. De repente, outro estrondo. A garota, que estava concentrada, deu um enorme pulo da cadeira, fazendo com que todos rissem de sua cara.

Sua vontade, naquele momento, era sair correndo de lá e nunca mais voltar. Decide, então, colocar seu desejo em ação, mas é interrompida pela chegada do professor Jorge, de História.

- Aonde você vai mocinha? Volte agora para o seu lugar! - diz o professor.

Bianca não teve coragem de responder ao professor, pois ele era tão grande e forte que mais se parecia com o Super-herói Hulk. E sem opção, voltou ligeiramente para o seu lugar.

O episódio com a professora Michele também se repetiu na aula de História, Geografia, Português, copiou tudo pela metade. Bianca estava convicta de que aqueles professores faziam parte da equipe de Fórmula 1, era muita agilidade.

Na hora do intervalo, foi pegar o seu lanche, pois era costume trazer de casa um sanduíche de atum. A pobrezinha só esqueceu de um detalhe, o lanche não poderia ter sido colocado em uma lancheira rosa da Barbie.

Quando a garotada viu Bianca tirando o lanche daquela lancheira, riram horrores. Sem contar que foi à cantina, pegou um chocolate e algumas balas e foi saindo sem saber que tudo aquilo que havia na cantina era pago. Ela não sabia, pois estava acostumada com as festas de Cosme e Damião, e achou que os doces eram gratuitos.

Foi uma gafe atrás da outra. Finalmente, o último sinal do dia, era hora de ir para a casa e esquecer tudo aquilo.

- Nicole, passei a minha vida ouvindo as pessoas mais experientes me perguntando: o que você vai ser quando crescer? Se me perguntassem agora, eu diria que não quero crescer. Mas, como ninguém perguntou a minha opinião, eu topo crescer, mas com uma condição: quero continuar vendo o mundo com os olhos de uma criança.

Escrito pelos alunos do 6º ano B

Amanda Gabriele Ronca

Camille Beatriz Pereira dos Santos

Charles Gabriel Dias

Cibelle Vitória dos

Eduardo Guazi Pereira

Francisco Xavier Borges

Guilherme de Almeida Pereira

Guilherme Mota Dias

João Victor da Silva de Souza

João Vitor de Melo Pomponeti

Julia Cecilia da Silva

Karen Paucic Gonçalves

Larissa Gabriela Medeiros

Talita Ferreira Cardoso

Victor Augusto Ramos

SCOOB E EU

Gooooooooool!!!!

- Afff, de novo, aquele negrinho fez um gol. - disse Rafael.

Naquele momento, a torcida grita: Gustavo, Gustavo, Gustavo... o que deixa o grupo de garotos da mesma turma com mais inveja.

O grupo era popular no colégio, conhecido como os “Valentões”, eles se achavam no direito de humilhar a todos que julgassem diferente deles. Passavam o tempo todo matutando ideias para caçoar do pobre Gustavo, que indefeso e sem maldade não sabia como se defender daqueles engraçadinhos.

Não foi uma nem duas vezes que Gustavo foi alvo de discriminação. Por um instante, lembrou-se das tolices que o acompanhavam desde a pré-escola, inclusive do dia que sua mãe foi assinar o boletim. Na simplicidade, vestia uma roupa velha, desbotada e remendada, nos pés calçava um antigo chinelo onde a sola era presa por pregos.

Pouco se importaram com a presença da professora e dos pais que ela estava atendendo, lá do fundo da sala, eles gritaram:

- Olha, que linda a mãe desse negrinho, como ela está bem vestida, está parecendo a Jennifer Lopez.

Lurdes, mãe de Gustavo, pouco se importou com o que acabara de ouvir, o que a deixou triste foi o fato de ver os olhos de seu filho se encherem de lágrimas. Sem nenhuma palavra que pudesse amenizar aquela situação, deixou a sala cabisbaixa.

Gustavo não conseguia entender o porquê de ser tão discriminado. Sempre muito educado com todos, não se lembrava de nenhum momento em que fora hostil com aquele grupo de garotos, nem com qualquer outra pessoa.

O momento de inquietação de Gustavo é interrompido pelo sinal, indicando o final de mais um dia de aula. Para sua alegria, ele iria para casa, lá ele estaria livre das traquinagens e da maldade daqueles meninos.

Todos os dias, o seu companheiro de estrada, no início e no final da aula era Scoob, o cachorro de seu Manuel - dono de uma quitanda perto de sua casa. A amizade e o carinho com que Gustavo tratava Scoob eram bonitos de se ver.

- Sabe, Scoob, você é um dos poucos amigos em que posso confiar, sei que você não fala, mas ouve atentamente cada uma das minhas lamúrias e, o mais importante, não conta para ninguém. Estou cansado de ser maltratado e humilhado por aquele grupo de valentões da escola, eles insistem em zoar porque minha pele é de cor negra, por minha mãe ser empregada doméstica e porque sou pobre. Eles me discriminam também porque tiro notas boas nas provas e sou elogiado pelos professores. Dá para acreditar?!

A vizinhança toda admirava aquela bonita amizade, parece até que Scoob comprehendia as palavras proferidas por Gustavo. O sinal de que estava totalmente atento era o seu olhar fixo e sua levantadinha na orelha esquerda.

Depois de alguns minutos de caminhada, chegaram à quitanda de seu Manuel.

- Olá seu Manuel, como vai? -pergunta Gustavo.

- Eu vou bem, garoto, e você?

- Vou levando a vida. Seu Manuel, aqui está o Scoob, meu eterno companheiro. Gustavo se despede com uma carícia na cabeça de Scoob dizendo que na manhã seguinte passaria para buscá-lo, para juntos irem à escola. Ao chegar em casa, faminto, percebe que não havia nada para comer, era fim de mês e sua mãe ainda não havia recebido as diárias.

- Meu Deus, mais uma vez cheguei da escola e não tenho nada para comer, acho melhor me deitar um pouquinho para ver se a fome passa. - pensa Gustavo.

Já era noite quando Lurdes chegou do trabalho e viu que Gustavo estava dormindo em um sono profundo.

- Filho, está tudo bem?

Espreguiçando e um tanto quanto abatido Gustavo responde que sim, mas não deixa de dizer à mãe que estava com muita fome.

Com dor no coração, a mãe informa ao garoto que passariam aquela noite sem jantar, pois ela não havia recebido nenhuma das suas diárias.

Gustavo tenta diminuir a tristeza da mãe dizendo que não estava com tanta fome assim. Ao ouvir aquelas palavras, Lurdes mais uma vez teve a certeza que seu filho já era muito mais maduro do que ela imaginava e gostaria que fosse. Resolve então tomar um rápido banho e promete que logo voltaria para juntos cumprirem a missão do dia: rezar.

Era assim que eles terminavam o dia. Toda noite, antes de dormir, ajoelhavam-se ao lado da cama, uniam suas mãos para agradecerem a Deus, agradeciam até mesmo os dias mais difíceis. Aquela noite parecia ser eterna; mãe e filho não conseguiam dormir, pois, a fome não permitia.

Ao amanhecer, o despertador toca pontualmente às seis horas. Percebem então que já era dia e eles não tinham sequer pregado os olhos.

Rapidamente, Gustavo se apronta para ir ao colégio e nem pergunta para a mãe se tinha algo para comer, já imaginava a resposta.

Abatido, Gustavo se despede da mãe e caminha até a quitanda de seu Manuel para encontrar com Scoob. De longe, seu Manuel o avista e percebe que o garoto estava pálido e com dificuldades para andar.

- Bom dia, menino, está tudo bem?

- Sim, estou, e o senhor?

- Pergunto porque você está pálido e com dificuldades para andar. Você não tomou café? Está com fome? - indagou.

Gustavo não precisou responder, pois um ronco alto e forte vindo de seu estômago fez isso por ele.

- Venha cá, garoto, tome esse lanche que acabei de preparar e não se preocupe em pagá-lo, pois é por conta da casa.

Gustavo tentou utilizar os bons modos que aprendera de sua mãe, mas a fome era tanta que devorou vorazmente aquele lanche.

Seu Manuel teve a impressão de que o garoto não comia há dias, mas se surpreende ao ver que, apesar da fome, guarda a metade do lanche em sua mochila.

- Você não vai comer o restante do seu lanche? - questiona.

- Vou guardar essa metade para minha mãe, pois assim como eu, ela também deve estar faminta. - responde o menino.

- Posso saber o porquê de tanta fome? - indagou seu Manuel.

- É que minha mãe, seu Manuel, trabalhou o mês todo e não recebeu nenhuma diária. A geladeira está vazia, há três dias que minha mãe e eu não temos o que comer. Queria tanto poder ajudar minha mãe com as despesas da casa. Por mais que ela trabalhe, e muito, o que ganha é pouco. - diz Gustavo.

- Você ainda é muito jovem para trabalhar, lugar de criança é na escola.

- Eu jamais deixaria de ir à escola. Conseguiria fazer as duas coisas: estudar e trabalhar, só preciso de alguém que me dê esse voto de confiança.

- Bom, se é assim, estou precisando de alguém aqui na quitanda para empacotar mercadorias, o serviço é fácil e não prejudicará os seus estudos. Pagarei um salário que o ajudará no orçamento de sua casa e assim nunca mais passarão por necessidades.

- O senhor está falando sério?

- Sim, estou falando seríssimo.

- Nem sei como agradecer ao senhor, agora posso me considerar um cidadão trabalhador. Sabe, seu Manuel, minha vontade neste momento era de voltar para casa, correndo, e dar a notícia para minha mãe.

- Deixe para mais tarde, agora você precisa ir à escola.
- Sim, o senhor está coberto de razões. - admite Gustavo.
- Esperarei por você à tarde para começar o seu primeiro dia de trabalho aqui comigo.

Gustavo mal podia acreditar no que estava acontecendo. Agora, assim, poderia ajudar sua mãe e nunca mais iria vê-la chorando e sofrendo por não terem o que comer.

- Sabe, Scoob, o seu Manuel está sendo um anjo na minha vida. Seria bem mais fácil se meu pai estivesse aqui. Minha mãe e eu talvez não tivéssemos sofrido tanto, parece que esse sofrimento vem acompanhando cada geração. Quando meu pai morreu, eu ainda era criança, devia ter mais ou menos uns três anos, não me lembro muito bem da aparência dele, tudo o que sei é o que a minha mãe conta. Meu pai sempre foi um homem honesto e trabalhador, nunca permitiu que nada nos faltasse. Você pode não acreditar, Scoob, mas ele morreu por preconceito racial: Era quarta-feira, véspera de Natal, o dia estava chuvoso, parecia até que o mundo iria desabar. A família toda estava reunida na casa da vó Cida, todos estavam se preparando para a festa de Natal. Para ele, essa data era um dia de comemoração e decidiu ir ao banco mexer nas economias e deixar a nossa festa ainda mais recheada. Mal sabia ele que a morte estava próxima. Faltavam 20 minutos para o banco fechar quando seis ladrões invadiram e renderam todos os que estavam lá, inclusive meu pai. Cinco minutos depois, os policiais chegaram e nem sequer se deram ao trabalho de perguntar o que estava acontecendo, deduziram que o assaltante era meu pai. Mais que depressa, puxaram o gatilho de uma 38 que cruelmente atingiu o peito daquele pobre homem. Não deram a ele nem a chance de explicar o que estava acontecendo. Scoob, como é difícil crescer e aceitar que não tenho e nunca mais terei meu pai aqui comigo.

Ao olhar para o relógio, Gustavo percebe que o sinal do Colégio estava prestes a bater. Scoob, precisamos correr, daqui um minuto baterá o sinal.

- Com licença professora, posso entrar? - pergunta fatigado.

- Sim, Gustavo, mais um pouco e você iria se atrasar. - Sente-se, vou entregar o resultado da prova que fizeram na semana passada, lembrando que quem tirou menos que 40 pontos terá que fazer recuperação. - anuncia a professora Estela.

- Ana Júlia.

- Alisson.

- Alexandre.

- Bruno.

- Bianca.

- Emília.

- Gabriel.

- Gustavo, você foi o único da sala e do colégio que tirou nota máxima na prova mais difícil do ano. Parabéns! Agora, as próximas avaliações que entregarei são dos alunos que tiraram nota abaixo da média. - comenta.

O grupo de garotos que adoravam zombar de Gustavo estava na lista dos que não atingiram a média. Ficaram indignados ao receberem a prova e revoltados com o comentário que a professora havia feito sobre Gustavo.

Decidem então prejudicar o pobre garoto. Pegariam da bolsa da professora Estela sua carteira e colocariam na mochila de Gustavo. Tudo já estava pronto para o grupo entrar em ação. O combinado seria que, durante o intervalo, eles abririam a sala de aula, discretamente entrariam, pegariam a carteira e a colocariam dentro da mochila do menino.

- Pronto, agora é só esperar a bomba explodir! Esse negrinho vai ter o que merece. - diz Rafael com sorriso nos lábios.

- TRIMMMMM, era o sinal anunciando o término do intervalo.

- Vamos turma, entrem e sentem-se rapidamente. - diz a professora que era sempre muito pontual.

Ao se aproximar de sua mesa, Estela percebe que sua bolsa estava aberta, diferente de como havia deixado antes do intervalo, decide então verificar se todos os seus pertences estavam ali. Para sua surpresa, todos os pertences estavam lá, exceto, sua carteira.

- Pessoal, aconteceu um fato muito chato que me deixou profundamente entristecida, quero saber quem foi e por que fez isso.

- Mas, o que aconteceu professora? – perguntou Emilia.

- Minha carteira sumiu, peço para que todos retirem seus materiais e coloquem sobre à mesa.

Imediatamente, e sem questionar, os alunos começam a retirar seus materiais e colocam em cima de suas carteiras. De repente, Gustavo percebe algo diferente dentro de sua mochila, era a carteira da professora.

- Professora, não seria aquela ali - a sua carteira - na mão do Gustavo? – diz Rafael.

- O que significa isso, Gustavo? – pergunta a professora.

- Professora, não sei como essa carteira veio parar aqui!

Estela mal podia acreditar no que estava acontecendo, no fundo, ela sabia que o Gustavo não seria capaz de fazer aquilo, mas como provaria o contrário se sua carteira havia sido encontrada dentro da mochila dele?

- Professora, eu juro que não peguei sua carteira, sou pobre, mas não sou ladrão. A minha mãe sempre me ensinou a nunca pegar e mexer nas coisas dos outros, acredite em mim!

- Gustavo, precisamos resolver essa situação, me acompanhe até à direção. -diz Estela.

- É negrinho, acho que dessa vez você vai se dar mal. – diz Rafael debochadamente.

- Professora, eu não posso pagar por um erro que não cometí. Há dez anos, meu pai foi morto por uma injustiça e não deram a ele a chance de se explicar. É difícil acreditar que no mundo em que

vivemos, as pessoas são tão cruéis a ponto de viverem em prol da maldade. Eu seria incapaz de fazer algo que pudesse prejudicar o outro. - implora Gustavo.

Gabriel, representante da sala, se comove com as palavras de Gustavo e percebe que aquele era o momento exato para contar toda a verdade.

- Professora, não posso permitir que meu amigo Gustavo seja injustiçado. Hoje, durante o intervalo, Rafael, Thiago e Guilherme vieram e exigiram que eu entregasse a chave da sala, disseram que se eu não fizesse o que eles queriam, iriam quebrar meus dentes no final da aula. Foram eles, professora, que pegaram sua carteira e colocaram dentro da mochila do Gustavo.

- Eu não posso acreditar nessa maldade, será que vocês podem me explicar por que agiram desta maneira? - Vamos, respondam! - suplica a professora.

- Fizemos isto porque estamos cansados de ver o Gustavo se destacando em tudo e sendo querido por todos.

- Fizeram tudo isso por inveja de Gustavo?! Saibam, meninos, que a inveja é um sentimento ruim e não pode existir em nossos corações, vocês acham que seria justo com o Gustavo ou com qualquer outra pessoa ser acusado de algo que não fez? Espero que vocês se coloquem no lugar de Gustavo e se arrependam de toda maldade que fizeram com ele.

Os garotos se arrependem de todas as traquinagens que fizeram para prejudicar o garoto e decidem, então, pedir desculpas.

- Desculpa, Gustavo, por termos sido tão injustos e tão maldosos. Na verdade, tudo o que desejávamos era ser como você. O que acha de esquecer tudo o que fizemos e sermos amigos?

O momento é interrompido com uma salva de palmas da turma e um aliviado suspiro de Gustavo. O garoto não podia se conter com tamanha alegria e ouvir aquilo era tudo o que ele mais queria.

Daqui para frente tudo seria diferente, ao encontrar Scoob, seu fiel amigo, Gustavo vai contando tudo o que havia acontecido.

- Scoob, hoje eu estou feliz como nunca estive, consegui um emprego na quitanda do seu Manuel, com o dinheiro que receberei poderei ajudar minha mãe nas despesas de casa e finalmente não serei mais alvo de discriminação. Rafael, Thiago e Guilherme querem ser meus amigos. É muita felicidade para um dia só, não é mesmo?! E você Scoob, meu fiel companheiro, sempre do meu lado. Como é bom saber que posso contar com a sua amizade! Agora vamos, que a coisa mais divina no mundo é viver cada segundo como nunca mais...

Escrito pelos alunos do 6º ano C

Adrian Ulian Martins

Breno Panatto Ramos

Débora Regina de Souza Pereira

Felipe Ferreira Capucho

Gabriela Moreira de Oliveira

Isadora Carolina Knopik

Juan Mara Gonçalves

Ketelyn Daiane Fernandes Diniz

Kauan Bueno Santos

Leticia Camargo Geraldo

Marcelo Augusto de Mello Prondi

Matheus Felipe de Oliveira

Pedro Henrique Schmuker de Almeida

Thais Moreira de Oliveira

Victor Daniel de Franco Ferreira

MÃE, NA REAL: SOU GRANDE OU SOU PEQUENA?

Nossa, que saco! Não aguento mais. Não sei se sou grande ou se sou pequena?! - pensou Polyana.

Polyana é uma adolescente de 12 anos, morena, cabelos cacheados, olhos cor de mel, 1,48 de altura e mais ou menos 40 quilos.

Bi bi pi... é o sinal de que a van chegou, e mais uma vez Polyana não estava pronta para ir ao colégio, pois era de praxe chegar atrasada.

– Manheeê, cadê o seu batom vermelho? – disse Polyana.

– Olha aqui, menina, você não tem idade para usar batom vermelho, se quiser passe aquele rosa bem clarinho. - responde Clarice.

– Mãe, e aquele seu esmalte preto?

– Imagina, até parece que vou permitir! - diz Clarice.

– Mãe, mas as minhas amigas usam? - suplica.

– Elas são elas, você é você! E tem mais uma, mocinha, hoje é sexta-feira e quero que você arrume o seu quarto assim que chegar da escola, pois já está grandinha o suficiente para me ajudar nos afazeres domésticos.

– Mãe, eu não estou entendendo, faz dois minutos que a senhora disse que eu era pequena, agora está me dizendo que sou grande. A senhora precisa se decidir.

– É queeeeeee... vá logo, a van está te esperando. - responde Clarice, tentando se safar.

Polyana, não conformada com a atitude da mãe, sai de casa e vai para a van resmungando e sem entender o porquê não podia fazer o que queria.

Minutos depois, zangada, chegou ao colégio e mais que depressa foi desabafar com sua melhor amiga.

-Olha, Poly, sei bem o que é isso, eu também nunca sei se sou grande ou pequena. - responde Beatriz.

- Agora, acho melhor deixarmos essa história para depois e irmos logo para a sala, pois estamos atrasadas para a aula de História – diz Beatriz sempre muito sensata.

Para alegria de Polyana, o tempo passou bem rapidinho, já eram 11h 45min e o sinal bate anunciando o término de mais um dia de aula. As amigas se despedem com beijinhos no rosto e Polyana se dirige ao portão à espera da van.

Não demorou muito para perceber que todos os alunos já tinham ido embora e que sua van não havia chegado. Cansada de esperar, Polyana resolve ir para casa caminhando. Quem sabe assim conseguiria provar a sua mãe que já era uma mocinha.

Caminhando pelas ruas, Polyana compara sua vida com a de um pássaro, pois por muito tempo esteve presa em uma gaiola e agora estava livre. A sensação de emancipação era tão grande a ponto de parar de caminhar e começar a saltitar alegremente pelas ruas, deixando os sentimentos ruins para trás.

Caminhou, caminhou durante algumas horas, até que percebeu que aquele caminho para ela era desconhecido e dificultaria sua chegada em casa. Com medo e sem saber o que fazer, percebe que sua única alternativa era ligar para sua mãe e contar que estava pedida.

Rapidamente, abre sua mochila de cor lilás e procura desesperadamente pelo celular. Mas, para sua surpresa o celular estava sem bateria. Decidiu então caminhar mais um pouco até encontrar alguém que pudesse emprestar o celular.

Minutos depois, Polyana avistou um senhor sentado em um banco da praça lendo jornal. Parecia ser alguém de bem. Não hesitou e foi logo se aproximando.

- Estou perdida e preciso ligar para minha mãe, o senhor poderia me emprestar o seu celular?

- Posso entender porque uma menininha tão inocente está andando sozinha pela rua? -pergunta o senhor.

– Ah, é uma longa história. É que eu estava me sentindo uma prisioneira da minha própria mãe, aproveitei que minha van demorou a chegar e decidi ir para a casa sozinha, pois só assim conseguiria provar que já sou grande.

– E por que essa vontade enorme de ser grande? - pergunta o senhor.

– Porque quando a gente é grande pode tudo e não precisa pedir autorização para nada. - responde a garota.

– Como assim, não estou entendendo?

– Para passar batom vermelho, ir ao shopping com as amigas, pintar as unhas, me maquiá, voltar para a casa de madrugada, namorar com o vizinho, assistir filme de terror, visitar ao Beto Carreiro World sou pequena demais. Por outro lado, estou grandinha o suficiente para lavar o banheiro, varrer a casa, cuidar da minha irmãzinha, colocar comida para o Bob, lavar meu uniforme e tantas outras coisas. Já estou cansada.

– K, K, K, K, K, (risos), você pode não acreditar, mas também já tive essa idade e passei por tudo o que você está passando. Lembro-me, como se fosse hoje, do meu desejo de dormir tarde da noite, ir a festas com os amigos, namorar com a filha da dona Francisca e de tantas outras vontades que minha falecida mãe não permitia. Hoje, já sou um idoso, talvez umas sete décadas mais velho que você e reconheço que tudo o que minha mãe fazia e falava era unicamente para o meu bem. Quero que você entenda que tudo tem seu devido tempo, vai chegar uma hora que você vai querer voltar a ser criança, o tempo vai ser cruel e não vai voltar.

Com os olhos e ouvidos atentos, Polyana ouvia tudo com o coração apertado e com uma vontade enorme de voltar para a casa e pedir desculpas para sua mãe.

– Sua mãe deve estar muito preocupada, então pegue o celular e ligue para ela. - disse o senhor.

– Alô! - disse Polyana.

– Alô! Quem está falando? - pergunta Clarice do outro lado da linha.

– Mãe, sou eu, sua filha.

– Filha, onde você está? Já são 19h 24min e você ainda não voltou para a casa. Está tudo bem?

– Sim, mas estou me sentindo muito culpada, pois desobedeci a sua ordem.

– Polyana, depois nós conversamos. Por favor, responda, onde você está? Pois já estou quase enfartando de tanta preocupação. Já ia agora mesmo à delegacia.

– Mãe, eu estou aqui em uma pracinha, mas não sei bem onde fica, vou perguntar para o senhor que está aqui do meu lado e que me emprestou o celular para eu te ligar.

– Mas quem é esse senhor?

– É um homem muito querido que eu encontrei quando ainda estava perdida, ele se chama Benjamim e se parece com o vovô Miguel.

– Benjamim, onde nós estamos? – pergunta Polyana confusa.

– Avenida Presidente Prudente, na pracinha principal. Diga para sua mãe que você está segura e vou ficar com você até que ela chegue. - diz Benjamim.

Rapidamente Clarice desliga o celular e vai em busca da filha.

– Nossa, como a minha mãe está demorando, não é mesmo?!
Mas por outro lado, estou contente por estar aqui, pois conheci um novo amigo, alguém que me ensinou o valor que o tempo tem e que eu não posso querer mudá-lo.

A declaração de Polyana foi interrompida com a buzina de um Ford Ka, de cor prata, era sua mãe.

– Filha, você está bem?

– Sim, mãe, eu já disse que estou.

– Mãe, quero te apresentar meu novo amigo, esse aqui é o senhor Benjamim. - diz carinhosamente.

– Olá, Senhor Benjamim, como vai? - cumprimenta Clarice.

– Muito bem, obrigado.

– Quero agradecer por ter cuidado todo esse tempo da minha pequenina.

– Imagina, foi um prazer. Agora acho melhor vocês irem para a casa, pois Polyana está cansada e precisa descansar.

– Mãe, será que qualquer dia desses o seu Benjamim pode jantar conosco?

– Não é preciso, pois não quero incomodar. - diz Benjamim.

– Não será incômodo nenhum, é o mínimo que posso fazer para agradecer-lhe. - responde gentilmente Clarice.

– Se é assim, convite aceito! É só marcarmos um dia.

– Vou cobrar, hein! - diz Polyana torcendo para que esse dia não demorasse a chegar.

Dentro do carro, mãe e filha conversavam sobre o que havia acontecido e a garota prometeu que nunca mais desobedeceria às ordens de sua mãe.

- Sabe, mãe, eu fiquei com medo de nunca mais te ver, foi uma sensação horrível quando me vi perdida em uma rua desconhecida, por outro lado, ao sair da escola me senti livre como nunca havia me sentido antes, a sensação de liberdade era imensa, a ponto de me fazer saltitar por horas.

– Filha, eu reconheço que minhas atitudes por vezes te sufocaram, mas quero que você entenda que tudo que fiz foi para seu bem, nenhuma mãe agiria ao contrário da felicidade de um filho.

Ao ouvir aquelas palavras, Polyana se recorda do momento que estava com seu Benjamim e que ele havia falado a mesma coisa.

— Mãe, o seu Benjamim me disse que a mãe dele também o poupou de diversas coisas, tudo pelo fato de que as coisas acontecem no seu devido tempo.

— Na verdade, filha, eu é que devia ter tido essa conversa com você e ter explicado a importância do tempo. Quando eu apresentei algumas proibições foi com medo de aceitar que você está crescendo e aos poucos vem deixando de ser a minha menininha.

Com sorriso nos lábios, Polyana responde:

— Mãe, não é preciso se preocupar porque sempre serei sua pequena. Hoje, eu aprendi que “o tempo é muito lento para os que esperam; muito rápido para os que têm medo; muito longo para os que lamentam; muito curto para os que festejam. Mas, para os que amam o tempo é eterno.”

Escrito pelos alunos do 6º ano D

Camile Feronato Balderino

Gabriel Felipeaqui

Gabriel Vaz de Avelino

Jasmin Migliorini Machado

Henrique Felipeaqui

Isadora Emanuelle Vascão da Silva

Kauan Yago da Conceição da Silva

Larissa Sâmara Maldonado

Leonardo Nascimento da Silva

Matheus Fernandes Costa Benevenuto

Nicole Taconi de Lima

Stefani Bianca Canato

Tâmara Carolina Guedes Ferreira

Viviane Quinchen dos Santos Lima

Yan Matheus de Lima Barreto

EM BUSCA DA FELICIDADE

Plaftt!

- Leonardoooooo, o que você quebrou desta vez? pergunta Elena, mãe de Leonardo

- Mãe, eu não fiz nada. - responde.

- Foi ele sim, foi ele sim, foi ele quem quebrou seu vaso de flores, mãe. - diz Igor apontando o dedo para Leonardo.

- E mais uma vez a culpa é minha. - pensa em voz alta Leonardo.

É sempre assim na casa de Elena, uma mulher viúva, com dois filhos. Repcionista, sai de casa sempre muito cedo e volta sempre muito tarde para dar aos filhos o pão de cada dia.

Elena não tem muito com quem contar, pois sua família mora bastante longe, e quase nunca vem para visitá-los. Desde sempre, só contou com sua amiga de infância e também sua vizinha, Marlene.

Esta nunca hesitou em ajudá-la e nem a todos os outros que precisassem dela. A vizinhança toda a admirava, pois sua generosidade ia além da compreensão humana.

Elena é inteiramente grata a Marlene, pois não se lembra de nenhum momento quando a amiga não estivesse presente: a perda irreparável de seu esposo; o nascimento de Igor, o filho mais novo; o primeiro Natal sem sua família; o primeiro dia de aula de Leonardo, o filho mais velho; no dia em que perdeu o emprego e de várias outras situações que ela jamais se esquecerá.

Elena era uma mulher comprometida, seu ponto fraco é ser desorganizada na criação dos filhos, pois privilegia Igor e esquece de Leonardo.

Igor é uma criança de 5 anos, indisciplinado e adora fazer traquinagens e colocar a culpa em seu irmão.

Leonardo é um adolescente de 12 anos e está passando por uma fase de “dúvidas e conflitos” e, infelizmente, não pode contar

com o apoio da mãe. Está cansado de tirar boas notas, ser o melhor da turma, nunca receber reclamações, não se meter em confusões e, ainda assim, não receber afeto de sua mãe.

Seu maior desejo sempre foi fugir daquela casa e se livrar de todas as tristezas e injustiças em que vivia. Por vezes tentou, mas nunca foi forte o suficiente para concretizar aquele desejo.

- Leonardooooo... - grita Elena.

- O que eu fiz agora, mãe? - pergunta Leonardo.

- O tapete da sala está todo molhado de refrigerante e o sofá cheio de batata frita!

- Mas, mãe...

Leonardo é interrompido pela mãe que grita:

- Mas nada, Leonardo! Vá agora limpar aquela sujeira!

- Ahhh, só mais um pouquinho. - suplica Leonardo.

- Nem pensar, você vai limpar agora! - diz Elena.

- Ah ah ah ah! - ouvem-se as gargalhadas de Igor.

- E mais uma vez, como se não bastasse minha mãe novamente colocando a culpa em mim, Igor está rindo da minha cara, enquanto limpo a bagunça que ele fez.

Uma hora depois, Elena chama os filhos:

- Leonardo estou indo ao supermercado com seu irmão. Desta vez você não vai conosco, vai ficar em casa, lavando a louça e deixando-a brilhando.

- Ah ah ah... E Igor novamente gargalha da cara do seu irmão mais velho.

Revoltado com todas aquelas injustiças, decide que o momento propício para ir embora era aquele. Precisava ser rápido, pois tinha que se organizar antes que sua mãe voltasse.

Rapidamente, foi até o quarto pegou sua mochila, separou duas camisas, uma bermuda e seu cobertor preferido. Já estava

para fechar a mochila, quando ouviu um forte barulho, era o Circo do Palhaço Paçoquinha despedindo-se da cidade.

- Ei, garotada, não fiquem tristes, o circo está indo embora, pois vamos espalhar felicidade em uma outra cidade, mas voltaremos em breve, não se preocupem!

Ao ouvir aquelas palavras, interpreta-as na certeza de ser um sinal de que aquela era a hora certa de embarcar junto com a felicidade.

Com medo de se arrepender, prefere não mais pensar, apanha sua mochila e pula a janela de seu quarto para garantir que não seria visto por ninguém.

Já na calçada de sua casa, o garoto atravessa a rua e vai em direção ao caminhão do circo, olha ao seu redor para garantir que não haveria testemunhas de sua fuga.

As cores do caminhão eram vibrantes e causavam a impressão de que agora tudo seria diferente.

Enquanto o motorista e os funcionários do circo organizavam os últimos detalhes para a partida, Leonardo se apropria da distração deles, entra e se esconde dentro do baú de modo que ninguém percebesse sua presença.

Durante o trajeto, a alegria se fazia presente por meio de vários instrumentos que soavam contagiando os lugares por onde passavam.

A terceira música do repertório cantada pelo palhaço Paçoquinha fez com que Leonardo se recordasse de sua infância, de todas as noites que sua mãe cantava a mesma canção para ele dormir; sua presença simbolizava proteção. Por um instante, tornou-se prisioneiro das suas recordações do passado e, cansado, ele adormece em um sono profundo.

Foram horas de viagem até que chegassem ao destino. Com a movimentação e a necessidade de desembarque, logo abriram as portas do baú e a forte claridade acorda o pobre garoto.

O malabarista se espanta ao ver que dentro do baú, escondido em meio a tendas, havia um menino que aparentava ter acabado de acordar e estar faminto.

- O que você está fazendo aqui? - pergunta Robson, o malabarista.

- Peço desculpas por estar aqui sem pedir permissão, é que estou à procura de um emprego, pois perdi meus pais quando era criança e desde então tenho que me virar sozinho. - responde Leonardo.

Comovido com a história do garoto, o malabarista se lembra que estava precisando de um assistente de palco, e o perfil do garoto seria perfeito para aquele cargo.

- Consider-se contratado, você começa amanhã. - anuncia Robson.

- Se o senhor quiser, posso começar agora. - diz Leonardo.

- Combinado! Mas, antes quero que você conheça o circo, os seus colegas de trabalho e os seus afazeres. - sugere Robson sempre muito educado.

Enquanto o malabarista apresentava o circo, Leonardo ficava maravilhado com a felicidade que ali reinava.

Elena não havia dado conta de que Leonardo não estava em casa. Para variar, Igor apronta mais uma de suas travessuras e corre para chamar a mãe. Ela, como sempre, sem se preocupar com o que havia acontecido, grita por Leonardo. Grita duas vezes com o filho e, na terceira, perde a paciência e vai até o quarto do menino para procurá-lo. Chegando lá, vê que o garoto não estava e que algumas peças de roupa estavam faltando.

Pensando que aquilo não era nada além de uma brincadeira de mau gosto, liga para todos os seus amigos e parentes na expectativa de que Leonardo estivesse na casa de um deles. Mas, para a sua surpresa, todas as tentativas foram em vão. Decide, então,

perguntar para a vizinhança. Foi batendo de porta em porta e, com a ajuda de Marlene, andaram mais seis quarteirões. Angustiada, só tinha como última alternativa a padaria da Dona Joana, uma senhora que era conhecida por ser bisbilhoteira da vida alheia, era a primeira a saber de tudo o que acontecia nas redondezas, parecia um noticiário ambulante.

- Dona Joana, estou à procura do meu filho mais velho, Leonardo, por acaso a senhora não o viu por aqui?

- Deixe-me lembrar, é que vi tanta gente hoje... Ah, eu o vi sim, mas faz tanto tempo, eu o vi na rabeira do caminhão do circo que deixou a cidade hoje.

- Mas... por que meu filho fugiria de casa na rabeira de um caminhão?

- Talvez pelo fato de você tê-lo deixado a vida inteira de escanteio, priorizando sua atenção a Igor e esquecendo totalmente da existência de Leonardo. - comenta Marlene.

- Acho que você está exagerando, Marlene! - retruca Elena.

- Se fosse um exagero meu, seu filho não teria fugido de casa.

Naquele instante, o silêncio se faz presente e pela cabeça de Elena começa a passar um flashback, não demorando muito para perceber que em todas as circunstâncias ela era injusta.

- O que farei agora? - pergunta Elena.

- O que acha de espalharmos cartazes com fotos dele e pedirmos ajuda para toda a vizinhança? - sugeriu Marlene.

- Acho a ideia ótima, não percamos mais tempo, preciso encontrar meu filho logo. - suplica Elena.

Imediatamente, as amigas foram à delegacia, registraram um B.O. e, com a permissão do delegado, espalharam por toda a cidade vários cartazes e pediram ajuda também aos radialistas para que divulgassem na rádio o desaparecimento de Leonardo. Naquele dia, a cidade toda se mobilizou e ninguém hesitou em procurar pelo garoto.

O desespero toma conta de Elena ao perceber que 48 horas já tinham se passado e nem uma resposta para a sua busca.

- Estou desesperada, já não sei mais por onde procurá-lo, tenho medo de que o pior tenha acontecido com ele, tomara que meu coração esteja enganado, pois se algo de ruim acontecer, eu não me perdoarei jamais. - comentou Elena.

- A única coisa que podemos fazer no momento é esperarmos e, enquanto isso, vamos pedir a Deus misericórdia e proteção a Leonardo onde quer que ele esteja. - diz Marlene.

Rapidamente, a notícia se espalhou, não demorou muito para que as redondezas tomassem conhecimento do ocorrido, inclusive os funcionários do circo para onde Leonardo havia fugido.

- Pessoal, eu estava assistindo ao noticiário e vi que um garoto de mais ou menos 12 anos está desaparecido e as descrições do repórter são semelhantes com as desse menino que recentemente foi contratado pelo nosso patrão. - diz Sarah, a bailarina do circo.

- Se eu fosse você, levaria essas informações para Robson, pode ser que o garoto tenha mentido. – comenta Ricardo, o trapezista do circo.

Mais do que depressa, Sarah procura por Robson para contar o que acabara de ouvir.

Robson percebe que há fundamento na fala de Sarah e, com medo de estar abrigando um fugitivo, pede para chamá-lo para uma conversa.

- Leonardo, não minta, já sei toda a verdade. - diz Robson com cara de poucos amigos.

Sem saída, ele obriga a si mesmo a contar tudo o que havia acontecido.

- Desculpa, senhor, por ter mentido sobre minha história, a verdade é que eu fui de casa porque não aguentava mais aquele sofrimento, tudo o que o meu irmão fazia eu era o responsável.

Desde sempre, minha mãe sempre privilegiou meu irmão mais novo, Igor, e esqueceu completamente da minha existência. Estava farto daquela vida miserável; todos os dias eram iguais, Igor aprontava e eu era o culpado. Decidi que aquele era o momento, minha mãe não estava em casa e o circo estava indo embora. Tenho que admitir que esses três dias que estou aqui, vivi uma felicidade que não tinha vivido em 12 anos com a minha família.

- Estou comovido com sua história, eu sei que é um bom garoto, mas sua mãe está te procurando feito louca. Você está em todos os noticiários, ela está muito preocupada, e é minha obrigação, como homem e como pai, dizer a ela que você está aqui.

- diz Robson.

- Ao sair de casa, eu jamais imaginei que minha ausência seria notada e, se percebessem, que não iriam se importar. - afirmou Leonardo.

- Você estava enganado, todos estão preocupados com você, vou agora mesmo ligar para a sua mãe e dizer que você está aqui.

- Oi, aqui é o Robson, sou o dono do circo do Palhaço Paçoquinha, quero lhe informar que estamos com o seu filho Leonardo, estamos te esperando para vir buscá-lo. Você pode vir agora?

- Claro, já estou a caminho, não posso acreditar que meu filho está com você e que em breve eu o encontrarei. - diz Elena aliviada.

Felizes com a notícia, Elena e Marlene se dirigem ao circo para encontrá-lo. Elena mal podia acreditar que em poucos minutos estaria com seu filho, novamente. Desta vez, seria tudo diferente. Em pensamento, Elena promete a si mesma ser a mãe que nunca foi.

Finalmente, as amigas chegam ao circo. Elena fica sem reação, não sabia se dava sermão, se pedia perdão ou se o abraçava. Optou então pela última alternativa.

Após o caloroso abraço, Elena se deu conta de que há muito tempo não abraçava seu filho, sentiu então a necessidade de se redimir.

- Filho, eu nunca fui a mãe que você merecia ter, mas quero que entenda que do meu modo, eu sempre o amei. Prometo que de agora em diante serei a mãe que você sempre sonhou.

Ao ouvir aquelas palavras, Leonardo percebe que era amado por sua mãe, de um jeito diferente, mas era.

Decidem então voltar para casa, mas antes Leonardo ainda tinha algo a fazer: agradecer a Robson e a todos os funcionários do circo pela alegria que todos lhe proporcionaram.

Apesar de só ter ficado três dias no circo, todos já estavam se acostumando com o garoto. Emocionaram-se ao vê-lo indo embora, mas, por outro lado, estavam felizes, pois sabiam que agora Leonardo passaria a ter a família que sempre sonhou.

Elena, Leonardo e Marlene voltam em segurança para casa. Agora tudo ficaria bem, o passado seria esquecido e o presente seria vivido como se não houvesse amanhã.

Escrito pelos alunos do 7º ano A

Bruna Cássia Capricho Ortega

Danielle Oliveira Naciso

Gabrielle Alvarado Trombini

Giovanna Alvarado Trombini

Isabella Lima dos Santos

Jéssica Cristina de Jesus Pereira

Kawane Caroline Machado Cardoso

Leticia Rodrigues da Fonseca Santos

Lucas Eduardo Moreira Sampaio

Matheus Caldeira Paz

Naila Camille dos Santos

Paulo Rodrigo Maciel Ramos

Pedro Henrique de Paula Pedro

Yasmin Carvalho Martins

NEM TUDO QUE RELUZ É OURO

Click.

– Amiga você não vai acreditar, acabei de postar uma foto e só tive 247 curtidas!

– Alice, você em sete minutos e trinta e três segundos teve 247 curtidas, isso é pouco?! Você está ficando psíquica com esse seu “mundinho virtual”!

Alice e Lívia são duas adolescentes de 12 anos, amigas e confidentes desde a infância.

Lívia é o oposto da amiga, leva muito a sério os estudos, tira sempre notas boas, ajuda a mãe nos afazeres domésticos, é obediente aos pais, conhecida por sua bondade em ajudar ao próximo, religiosa, vai à missa todos os domingos. Seu tempo livre é preenchido pela leitura de bons livros, ao contrário de Alice que passa o tempo todo nas redes sociais.

– Filha, venha jantar! – diz Ângela.

– Afffff, dá um ar, não estou com fome.

– Você anda muito sem fome, estou começando a ficar preocupada com essa sua falta de apetite. – insiste a mãe.

– Relaxa, mais tarde eu como. – justifica-se.

Minutos depois, deixa o local onde estava com sua mãe e vai para o quarto. Ao chegar lá, percebe em seu facebook uma solicitação de amizade.

– Miguel Albuquerque, nossa que tudo! É claro que vou aceitar esse gatinho, preciso urgentemente mandar um print para Lívia.

Ao receber a mensagem, Lívia pergunta quem era aquele garoto e de onde ela o conhecia.

– Eu não o conheço, mas a foto me chamou a atenção, aqueles olhos azuis despertaram em mim a curiosidade em conhecê-lo, por isso o aceitei.

– Se eu fosse você, não aceitaria, pois ele pode não ser nada do que você imagina. - diz Lívia, sempre muito preocupada.

– Você e suas manias de ficar se intrometendo na minha vida.

– Bom, a vida é sua, faça o que quiser, depois não diga que não avisei. Mais tarde voltamos a nos falar, tchau!

– Tchau, estraga prazeres. - sussurra Alice.

Já era meio-dia, quando Ângela se deu conta de que era hora de voltar para o trabalho.

– Filha, hoje sua missão é varrer toda casa, lavar o banheiro, secar a louça, dar comida para o cachorro e arrumar seu quarto.

Alice disse para a mãe ficar despreocupada, pois ela cumpriria com todos os afazeres solicitados.

É claro, porém, que Alice estava mentindo, ela nunca fazia o que a mãe pedia.

Volta para o quarto, na intenção de saber um pouco mais sobre Miguel Albuquerque. Para alegria de Alice, Miguel já havia deixado uma mensagem de que a qualquer momento gostaria de conversar com ela.

- Conversar comigo? Só se for agora! – pensou em voz alta.

– Oi! - diz Alice.

– Oi!

– Alice, gostaria que você soubesse que enviei aquela solicitação porque me encantei com sua foto, na real, você é muito linda!

– Obrigada!

– Quantos anos você tem?

– 12, e você?

– Completei 15 na semana passada. Onde você mora? - interroga Miguel.

– Moro na Rua das Flores nº 128, no Bairro das Acáias. – responde Alice.

– Nossa, que coincidência! Moro no mesmo bairro a uns cinco quarteirões da sua casa.

– Que legal, mas ao mesmo tempo estranho, pois não me lembro de ter visto você por aqui.

– Ah, é que me mudei recentemente e quase não saio de casa. O que você acha de nos conhecermos pessoalmente? – pergunta Miguel.

– Adoro a ideia, vou ver um dia que não esteja muito ocupada e que minha mãe esteja mais relaxada.

– Só não demora muito, eu posso não aguentar. - diz Miguel, um tanto quanto galanteador.

– Acho que esse gatinho vai ser meu! – pensa Alice.

Eles se despedem e prometem voltar a conversar assim que possível.

Já era tarde, quando Alice se lembrou da lista de afazeres domésticos que a mãe havia deixado e, para seu desespero, sua mãe já estava chegando.

– Alice, não acredito que você não fez nada do que eu pedi?! – diz Ângela, decepcionada.

– Perdoe-me, é que eu precisei dormir o dia todo, pois minha cabeça estava quase estourando. – mente descaradamente Alice.

– Se você passou o dia todo com dor de cabeça, devia ter me avisado, será que você vai pegar um resfriado? - diz a mãe, inocentemente.

– Mãe, não precisa se preocupar, já estou bem melhor! – diz Alice.

A conversa de mãe e filha é interrompida por um grito que vinha lá de fora.

– ÂNNNGELA - gritou Claudia, a vizinha.

– Já estou indo!

– Oi, desculpe o incômodo, é que comecei a fazer um bolo e percebi que estou sem ovos para completar a massa, será que você teria dois para me emprestar? - pergunta Claudia.

– Sim, vou pegá-los.

– Você está animada, fazer bolo em plena terça-feira... – diz Ângela entregando-lhe os ovos.

– Os meninos já estão enjoados de comer pão todos os dias, decidi então fazer um bolo de chocolate.

– Ai, que delícia, acho que vou fazer um também, Alice adora bolo de chocolate, pena que hoje não está se sentindo muito bem. – comenta Ângela.

– Alice, não está bem, o que ela tem?

– A pobrezinha dormiu o dia todo, pois estava com uma dor de cabeça insuportável.

– Que estranho! Acho que ela não dormiu o dia todo, pois passou a tarde inteira postando fotos e aceitando solicitações de amizade.

– Claudia, acho que você deve ter se enganado, ela não mentiria para mim.

– É, talvez eu tenha me enganado mesmo. Agora vou para casa terminar o bolo antes que os meninos voltem da escola. Ah, e obrigada pelos ovos.

Ângela fica pensativa com o que acabara de ouvir de Claudia, mas prefere acreditar que aquilo não passava de um mal-entendido.

No outro dia, pontualmente o despertador toca às 06h 30min, Alice percebe que está exausta, pois havia passado a noite inteira na frente do computador. Seu maior desejo era transformar aquela quarta-feira em sábado, só assim é que poderia voltar a dormir.

– Alice, acorde, você tem aula! – suplica a mãe.

– Sim, mãe, já estou indo.

Rapidamente se arruma e vai para o colégio. Ao chegar à escola, a primeira pessoa que encontra é a sua amiga Lívia.

– Oi, Alice, você parece estar cansada, está tudo bem? - pergunta, educadamente.

– Impressão sua, estou ótima, melhor impossível.

Lívia percebe a frieza no cumprimento de Alice e fica sem graça pela pouca importância que a amiga lhe deu.

O sinal bate e os alunos se dirigem à sala de aula. Não foi novidade para turma do 7º B entrar na sala e se deparar com a presença do professor Demétrio, de Ciências, pois era sempre muito pontual

– Bom dia, classe!

– Bom dia, Professor Demétrio! – respondeu a classe.

– Por favor, guardem os celulares ou qualquer tipo de aparelho eletrônico, pois, do contrário, pegarei e só devolverei na presença de um responsável. Hoje, vamos estudar sobre as células animais, vegetais e as bactérias. Abram os livros na página 14 e 15, leiam e ao término responderão a um questionário.

Não demorou muito para que o professor Demétrio percebesse a distração e desobediência de uma aluna, que estava descaradamente mexendo no celular.

– Qual é a parte do “guardar os celulares ou qualquer tipo de aparelho eletrônico” que você não entendeu, Alice?

– Perdoe-me, eu só fui ver as horas.

– Já estou te observando há um tempo e acredito que você estava fazendo qualquer coisa, menos vendo a hora.

– Mas, o celular é meu! - retrucou Alice.

– A partir deste momento, esse celular não mais te pertence, eu só devolverei se seus responsáveis vierem aqui falar comigo, exatamente como havia dito no início da aula.

Alice fica indignada com o que acabara de acontecer, e fica pensativa na desculpa que teria que arranjar para enganar mais uma vez sua mãe.

Alice era esperta, sabia perfeitamente como passar sua mãe para trás. No caminho todo, veio matutando e ao chegar em casa já estava com o discurso pronto.

– Mãe, você não vai acreditar no que eu vou te contar, sem mais nem menos aquele chato do professor Demétrio tomou meu celular.

– Mas... como assim, o que você estava fazendo? - pergunta Ângela assustada.

– Fui ver as horas, e agora, como se não bastasse, ele só vai entregar se a senhora for buscar.

– Hoje mesmo irei buscá-lo.

– Obrigada, mãe, sabia que podia contar com você.

Ângela, a pobre coitada, deixou seu almoço pela metade e foi até à escola.

Toc toc...

– Com licença, Professor Demétrio, posso entrar?

– Sim, por favor!

– Sou a mãe de Alice, vim para buscar o celular.

– Antes de entregar o celular, gostaria de ter uma conversa com a senhora. Há dias que sua filha vem apresentando um comportamento diferente do que sempre apresentou, suas notas caíram, os professores estão reclamando da indisciplina, sem contar que ela passa o tempo todo distraída com o celular. – diz o professor, com cara de poucos amigos.

– Mas professor, ela disse que só estava vendo as horas. – diz Ângela, ingênua.

– Sinto muito ao lhe dizer, mas sua filha está mentindo. Se eu fosse a senhora, daria uma olhadinha no que ela tanto faz no celular e nas redes sociais. – aconselhou o professor.

– Sim farei isso. Mil desculpas pelo comportamento de minha filha. - diz a mãe envergonhada com seu comportamento.

Ângela deixa a sala pensativa. Não queria acreditar na hipótese de Alice estar mentindo. Mal podia esperar para chegar em casa e ver o que Alice tanto fazia nas redes sociais. Ao chegar a casa, encontrou Alice no mesmo lugar de sempre: no quarto e na frente do computador. Alice estava tão concentrada que não percebeu a chegada da mãe.

– Miguel, já resolvi a data que podemos nos encontrar.

– Quando?

– Pode ser amanhã? - pergunta, torcendo para que a resposta fosse sim.

– Que horas?

– Às 15h 30min, tudo bem para você?

– Sim, claro.

– Pode ser na praça central?

– Sim, onde você quiser.

Alice se despede e vai falar com Lívia.

– Amiga, você não sabe da maior!

– O que aconteceu?

– Acabei de marcar meu primeiro encontro com Miguel, estou muito feliz.

– Eu já disse minha opinião sobre isso, mas se você está feliz, tudo bem! Agora vou sair, pois já é tarde e amanhã tenho que acordar cedo. – responde Lívia.

O dia começa e Alice está muito feliz, pois finalmente conheceria Miguel.

Ângela pede para a filha ir ao mercado com o intuito de dar uma olhada em seu computador. Fica surpresa ao ver as conversas de Alice, e mais surpresa ainda quando viu que sua filha tinha um

encontro marcado para aquele dia. Ela precisava ser rápida, seria preciso agir naturalmente, como se não soubesse de nada.

As horas se passam e finalmente chega o momento do encontro de Alice.

Alice mente para a mãe dizendo que iria tomar um sorvete com Lívia. Ângela espera a filha sair e vai atrás.

O lugar marcado para o encontro ficava bem próximo da casa de Alice e não demorou muito para chegar. Fica preocupada quando vê que não há nenhum garoto de 15 anos na praça. Havia lá apenas um rapaz que aparentava ter uns 25 anos. Decide então perguntar.

– Oi, por um acaso você não viu um garoto chamado Miguel, estou à espera dele.

– Acho que você está falando com ele.

– Sinto muito, você deve estar se confundindo, o menino que estou esperando tem quinze anos, é um adolescente.

- Está enganada, você é Alice, a menina com quem eu falo todos os dias pelo facebook.

Alice se espanta ao perceber que o adolescente com quem conversava todos os dias era na realidade um homem que provavelmente não tinha a melhor das intenções.

Assustada com o que estava acontecendo, diz ao rapaz que vai embora e pede a ele para deixá-la em paz. Escondida atrás de uma árvore, Ângela espera o momento certo para aparecer e acabar com tudo aquilo.

- Você mentiu para mim, eu acreditei em tudo o que você disse. Depois que eu te conheci, minha vida mudou por completo. Passei a desobedecer as ordens de minha mãe, minhas notas caíram, minha melhor amiga aos poucos vem se afastando de mim e tudo isso por causa de você. Meu Deus, como pude ter sido tão ingênuas! Devia ter acreditado em minha mãe, por vezes ela implorou para eu não aceitar solicitações de amizade e muito menos conversar com desconhecidos. Agora chega, vou embora.

Alice não imaginava que sua mãe já sabia de toda a verdade, muito menos que ela estava ali. Ângela decide então dar um basta naquela situação e se aproxima.

- Filha, estou aqui! Esse rapaz conseguiu te enganar, ele se aproveitou da sua ingenuidade. Alice, pessoas assim não merecem nossa amizade. E você, rapazinho, espero que a vida lhe ensine a importância da honestidade, nunca mais procure a minha filha!

E completou

- Meu desejo, Alice, é que sobre as asas do tempo, a sua tristeza vá-se embora e tenha aprendido a lição.

Escrito pelos alunos do 7º ano B

Andrew Henrique Pauo

Camilly Gabriele de Matos da Silva

Bryan Devanir Perdigão Pinetti

Evelyn Camargo dos Santos

Gabriel Miglinski

Gabriella Milones de Lima

Geovana dos Santos Rodrigues

Isadora Carolina Casagrande

João Pedro Barnardi

Kawane Fernanda da Cunha

Larissa Barbosa de Souza Fortunato

Luan Carlos Bonasci Joaquim

Milena Daniele da Silva

Nayla Ariesley Silva Monteiro

Samuel Vitório Pereira

MÁRIO: UMA VIDA, UM EXEMPLO..

Bom dia, sentem-se e façam silêncio! – diz a professora.

Antonio, André, Carlos, Guilherme, Jackson, Karen, Lavínia, Mário...

E a chamada é interrompida por alguns engraçadinhos que adoravam zombar de Mário, e alguém lá do fundo grita:

- Onde estão os cogumelos, Mário?

Como se não bastasse, os engraçadinhos, não contentes, iniciam um coro como ataque:

- Olha o Mário, Olha o Mário, cadê o Luigi e o Luigi. A princesa que está no castelo precisa do Mário, do Mário.

A música é interrompida pela professora que grita:

- Basta, vocês passaram dos limites!

Com lágrimas nos olhos, Mário dirige-se à professora, dizendo:

- Deixa professora, já estou acostumado.

A professora sussurrou:

- Mas... Mas, Mário...

A professora é interrompida com o pedido de Mário, dizendo para ela não se preocupar com ele e que ela deveria continuar com sua aula.

A aula de Inglês prossegue e as tolices dos engraçadinhos também, o que faz com que Mário conte os minutos para o término da mesma.

A sua vontade era agredir fisicamente aqueles preconceituosos, mas ele sabia que fazendo isso se igualaria àqueles animais e só pioraria a situação.

As horas pareciam ser infinitas e, angustiado com tudo aquilo, decide pular o muro da escola. Caminha lentamente pelas

ruas, perguntando-se se realmente deveria ter nascido. Decide, então, sentar-se no primeiro banco que avistou, em uma pracinha, próxima de sua casa e roga a Deus para que aquele tormento passe. Minutos depois, percebe que já era hora de voltar para casa, pois sua mãe não podia desconfiar que tinha matado aula.

Chegando a casa, encontra sua mãe esperando-o para o almoço:

- Olá meu filho, conte-me como foi seu dia!

Cabisbaixo deixa escorrer uma lágrima e responde:

- Ah, foi como todos os outros.

Clara, a mãe, pede para ele ir lavar as mãos, pois iria servir o almoço.

Mário diz que não vai almoçar, pois estava sem fome.

O garoto vai para o quarto fingindo que nada daquilo havia acontecido e tenta ser mais forte que as próprias emoções.

No dia seguinte, Mário acorda pontualmente às 6h, já ciente de tudo o que encontraria pela frente, só não podia prever que as brincadeiras poderiam virar algo mais grave. Nos corredores do colégio, enquanto caminha até à sala de aula percebe que o grupo de garotos estava cochichando e tudo indicava que era dele. Disfarçadamente, um dos integrantes do grupo colocou algo no uniforme de Mário. Já estava bem próximo de sua sala quando, de repente, se viu encurrulado por vários meninos que sem motivo algum começaram a chutá-lo.

Foram vários chutes e empurões até que uma voz suave do fundo do corredor gritasse:

- Parem com isso!

O grito vinha de Karen, uma das mais belas garotas do colégio, se não a mais.

- Nossa, Karen, não sei por que está defendendo esse trombadinha. - diz um dos valentões.

O silêncio se faz presente e, sem palavras, Karen gagueja dizendo que ninguém merecia passar por aquilo, muito menos Mário.

Com medo do que poderia acontecer com Karen, Mário pede para ela se afastar, que aquilo não passava de uma brincadeira entre amigos.

Karen sabia que era uma justificativa de quem estava sofrendo pelas mesmas dificuldades que ela havia enfrentado no passado.

Dando gargalhadas, o grupo de valentões deixa o local com o ar de satisfação e de dever cumprido.

Enquanto isso, sentado no chão, cabisbaixo, Mário tenta entender o porquê de ser tão humilhado, sendo que nunca havia feito nada de mal para eles. Decide que o melhor a fazer naquele momento era lavar o rosto de modo que ninguém percebesse que ele havia chorado. Olhando ao espelho e a cada lágrima que secava, uma outra surgia, tudo em decorrência da dor que invadia a sua alma.

Em seguida, caminha sozinho pelos corredores do colégio. Constrangido, bate na porta, pedindo permissão ao professor para entrar.

Carlos, o professor de Matemática, precisava cumprir com as regras do colégio e age ao contrário de seu desejo, que era permitir a entrada de Mário. Educadamente, pede ao garoto para aguardar a próxima aula.

- Professor, foi só desta vez, deixe ele entrar? - suplica Karen.

- Mas... e as regras? - pergunta o professor.

- O que o senhor acha de perguntar a ele o porquê do atraso? - diz Guilherme, um dos garotos que havia agredido Mário.

Naquele momento, Mário teve vontade de contar toda a verdade, mas foi inibido ao ver os gestos de um dos valentões que indicava mais uma agressão física.

Mário pede ao professor para manter as regras e não deixá-lo entrar, pois o certo seria ele esperar pela segunda aula.

Prefere, então, esperar lendo seu livro preferido. Do lado de fora, sentando em uma cadeira, Mário dá continuidade na leitura de seu livro predileto: Percy Jackson e o Mar de Monstros.

Não leu sequer dez páginas e o sinal tocou. Mais uma vez voltaria para as garras daqueles trogloditas.

Aquela manhã parecia ser eterna. Mário fazia questão de olhar cada minuto no relógio. E para sua alegria, a professora da última aula havia faltado e, assim, teriam aula vaga.

Aliviado com a aula que terminaria mais cedo, volta para casa caminhando lentamente pelas ruas. Percebe, então, que alguém o estava seguindo e presumindo o que poderia acontecer, prefere apertar o passo e não olhar para trás. Para sua infelicidade, os malandrinhos alcançaram-no e o cercaram.

- E aí, Mário, agora não tem a Karen para te defender. – insulta Guilherme.

- Por favor, me deixem em paz, o que eu fiz para vocês?

- Não sabe? Ah, ah, ah, você nasceu! Mas dessa vez fique tranquilo, só viemos lhe informar que a partir de hoje você é quem pagará nossos lanches! - diz Pedro.

- Mas eu não tenho dinheiro, não posso fazer isso. – suplica Mário.

- Ah, não? Então veremos o que vai acontecer. E lembre-se não estamos de brincadeira! - diz Pedro encurralando-o.

Amedrontado, Mário volta para casa e chama pela mãe, mas percebe que ela não estava. Para seu desconforto, estava sozinho.

As horas passam e Mário percebe que já era noite, e sua mãe não havia chegado do trabalho. Resolve então ligar para ela e ver o que estava acontecendo.

O medo toma conta após a décima tentativa sem sucesso.

De repente, escuta passos que se aproximam e em fração de segundos percebe a maçaneta girando.

Assustado Mário grita:

- Nããoooooo!

- O que foi, meu filho? - pergunta Clara.

- É que estava assistindo a um filme de terror e fiquei impressionado com a cena. – responde Mário.

- Já falei para você não assistir a esses filmes, já não basta a maldade do mundo real? – diz a mãe.

- Perdoe-me, mãe!

- Filho, vamos deixar esse assunto para lá e vamos preparar o jantar. – sugere.

- Sim, e que mal lhe pergunte, porque você demorou tanto para chegar? – pergunta Mário.

- Nossa, meu filho, esqueci de te contar, fui promovida de cargo e agora ganharei quinhentos reais a mais no meu salário!

- Nossa, que maravilha, você merece! E aproveitando o momento queria pedir dez reais para o lanche de amanhã.

- Meu Deus, para que tanto dinheiro, meu filho?

- É que o lanche subiu né, mãe. – responde Mário, odiando o fato de estar mentindo para sua mãe.

- E tudo está aumentando... aqui está!

No outro dia, Mário levanta muito antes do despertador tocar. Rapidamente se arruma e desce para tomar café.

- Nossa, como você está adiantado! – comenta Clara.

- É que tive alguns pesadelos.

- Já disse para você parar de ver filmes de terror. – repete Clara.

- Eu não vejo, eu vivo.

- O que disse meu filho? – pergunta a mãe.

- Nada, mãe, bobeira. Agora deixe-me ir, que estou com pressa.

- Boa aula, vá com Deus! – diz Clara.

- Amém.

Ao chegar à escola o grupo de valentões percebe que Mário havia chegado e se aproximam dele com o intuito de pegar o dinheiro e garantirem o lanche.

- E aí, Mário, trouxe o combinado? - pergunta Pedro.

- Sim, trouxe, está aqui!

- Você trouxe só dez reais? - diz Pedro nada satisfeito.

- É o que eu consegui. - justifica-se.

- Então trate de conseguir muito mais, essa merreca não dá nem para comprar uma coxinha amanhecida no boteco do seu Juca. – diz Pedro, mais uma vez amedrontando-o.

- Mas foi o que consegui da minha mãe. – diz Mário já com lágrimas nos olhos.

- O problema é seu, amanhã queremos o dobro.

De repente, o sinal toca, e Mário se dirige à sala de aula. Era quarta-feira, e os alunos sabiam que no primeiro horário deveriam se dirigir à biblioteca para a escolha de um livro com que passariam uma semana.

A biblioteca contava com um enorme acervo, livros de romance, aventura, comédia, terror e, principalmente, os de autoajuda (*Como lidar com o Bullying*).

Mário mal podia esperar para começar a leitura de seu livro, mas ainda era primeira aula e as horas pareciam intermináveis.

Em passos lentos, as aulas foram passando e, finalmente, 11h 45min (fim da aula).

- Ufa, achei que este dia não fosse acabar. – pensa Mário.

No caminho para casa, Mário já não aguentava mais conter sua ansiedade e resolve iniciar a leitura do livro pela sinopse:

Frederico é um adolescente de doze anos, estudioso, disciplinado, que acabara de mudar para o interior de São Paulo. Um dos fatores que levaram Frederico a se mudar foi a frequente perseguição de alguns engraçadinhos que adoravam caçoar das características físicas do garoto. Frederico já não aguentava mais aquela situação e decide, então, fazer justiça com as próprias mãos.

A leitura da sinopse do livro é interrompida pelo desabafo de Mário que diz:

- Nossa, agora vejo que não sou o único a sofrer *bullying*. Frederico, assim como eu, sofre há anos, a diferença é que não quero para minha vida o mesmo final que teve a dele. Eu não seria capaz de fazer justiça com as próprias mãos, pois tenho certeza que esse peso assombraria minha consciência para sempre.

De repente, alguém toca seu ombro, era Karen.

- Posso saber que livro está lendo?

Antes mesmo que Mário respondesse, Karen já tinha percebido que era o mesmo livro que havia lido quando sofria *bullying*.

- Mário, você não está pensando em fazer a mesma coisa que Frederico, está?

- Como assim, você já leu este livro, Karen?

- Sim, várias vezes, quando sofria *bullying*.

- Não consigo imaginar que uma menina tão bela como você já tenha passado por isso.

- Sofri por muito tempo, pelo fato de sempre tirar notas boas. – responde Karen sempre muito meiga.

- E o que você fez para deixar de ser um alvo dessa tortura?
– pergunta, esperançoso.

- Fácil, aprendi a ignorar todas as pessoas que não iriam contribuir para o meu crescimento e bem-estar, aprendi que na vida só precisamos das boas sementes.

- E hoje, como se sente? - interroga Mário.

- Feliz, pois precisei passar por tudo isso para entender o quanto sou forte. Todos somos muito fortes, muito mais do que podemos imaginar. Para acabar com tudo isso, Mário, você só precisa encontrar a sua força.

Sem dizer mais nada, se despede de Mário dizendo que no outro dia esperava encontrá-lo diferente, renovado.

Karen não podia imaginar o quanto aquelas palavras tinham sido úteis. O garoto chega em casa decidido que de agora em diante seria tudo diferente e que ele jamais voltaria a ser um boneco de fantoche.

No outro dia, acorda animado como há anos não acordava. Sua mãe chama-o para tomar café e entrega o dinheiro do lanche. Mário rejeita, dizendo que não mais iria precisar.

Sua mãe não entende o porquê de ter rejeitado, e sem perguntar mais nada, deseja-lhe um bom dia!

Mário mal podia esperar para chegar ao colégio, desta vez entraria com o pé direito, mas foi barrado por aqueles que insistiam em zombar dele.

- Mário, trouxe o nosso dinheiro? - pergunta Guilherme, sempre muito valentão.

- Não trouxe, e nunca mais vou trazer!!! - responde Mário.

- Com quem pensa que está falando? - diz Pedro.

- Com quatro imbecis que por todo esse tempo fizeram me sentir a pior das espécies. -responde Mário.

- RS...RS...RS...RS... Então agora vai dar uma de valentão? Pena que é tarde demais. – diz Gandhi, um dos garotos que também pertencia ao grupo de valentões.

Imediatamente, levanta seu punho com a intenção de acertar a face de Mário.

Para a surpresa de todos, Mário impede que aquilo aconteça e, segurando o braço de Gandhi, grita:

- Chegaaaaaa!!!

O grito foi tão forte que todos os alunos que estavam no pátio se aproximaram para ver o que estava acontecendo.

- Estou farto de tudo isso. Se vocês batem nos pequenos, cuidado, pois eles crescerão; se vocês xingam ou ofendem alguém, cuidado, eles responderão. Olhem-se no espelho, ele não mente, vocês são humanos, mas agem como animais. Quero que entendam que acima de tudo, o verdadeiro homem não é aquele que bate, mas sim aquele que é forte o suficiente para dar a outra face. E aí, não vão me bater?

Escrito pelos alunos do 7º ano C

Alan Taborda da Silva dos Santos

Daniella Santari Bassanese

Emily Costa Sante

Gabriel Henrique Resende Romero

Giovana Cristina Mendes

Gustavo Tezotto Teodoro

Leonardo da Silva Lucato

João Carlos Couto Amaral

Luan José Lobato de Oliveira Cardoso

Lucas Custodio de Ares Léca

Lucas Kawan da Silva

Luiz Felipe Gallani Thomazini

Maria Vitória da Silva Pereira

Mariana Migliorini Guidoni

Milena Corrêa

Pedro Henrique de Oliveira Bortolato

Thiago Teixeira da Silva

Vitor Henrique de Mendonça

A VIDA TEM A COR QUE VOCÊ PINTA

Vamos mãe, vamos nos atrasar. – diz Júlia.

– Júlia, vá entrando no carro que já estou indo. – responde Maísa, sua mãe.

Dentro do carro, mãe e filha conversam e Júlia diz:

– Mãe, posso fazer uma pergunta?

– E, lá vem. – responde Maísa.

– A senhora promete que se eu tirar notas boas me presenteia com aquele livro que nós conversamos outro dia?

– Bom, se você tirar 10 em todas as matérias, pois no bimestre passado por causa de uma disciplina não ficou com o boletim completo, diferente da sua prima Daiana, que não sabe o que é uma nota 9.

Nesse momento, o silêncio se fez presente, Júlia se entristece com o que a mãe havia falado. Minutos depois, chegam à escola. A garota conduz sua mãe até o local onde estava acontecendo a entrega dos boletins. Para sua indignação, mais uma vez estava com 9 em Educação Física.

Maísa deixa a sala enfurecida sem ao menos se despedir da filha.

Com um toque no ombro, a professora Dulce se aproxima de Júlia dizendo que seu boletim era digno de admiração e que ela não precisava ficar chateada com o que acabara de acontecer.

As palavras proferidas pela professora soaram bem aos ouvidos de Júlia, deixando-a mais tranquila.

Júlia não se concentrou em uma aula sequer. Finalmente o sinal bate, hora de ir para a casa. Organiza seus materiais e se dirige até o portão da escola. Não demorou muito para que Maísa chegasse, pois, a pontualidade fazia parte de sua rotina e do seu jeito soberbo de ser.

Júlia cumprimenta a mãe com um beijo no rosto, mas a mesma não esboça nenhuma reação e durante todo o trajeto não trocam sequer uma palavra. A garota não conseguia entender o porquê da mãe ser tão rancorosa e egocêntrica, ao contrário de seu pai que era dócil e altruísta. Todos os dias, antes de deitar-se, Júlia se recordava dos momentos bons que vivera ao lado do seu pai. Naquele instante, seus olhos lacrimejaram por saber que aqueles momentos não mais voltariam, pois ela não poderia mais contar com a presença física de seu herói, que morrera exatamente há um ano, por conta da imprudência de um motorista alcoolizado no trânsito.

Atordoada com seus pensamentos, a garota adormece.

Horas depois, acorda e ao abrir os olhos percebe que já era noite e ela não tinha tomado seu banho. Ao levantar-se, sente que suas pernas não correspondem ao seu desejo de caminhar, mesmo assim, insiste, e com passos lentos chega ao banheiro.

O momento é interrompido quando Júlia se dá conta de que suas pernas estão ainda mais trêmulas. De repente, depara-se com algumas manchas roxas espalhadas pelo corpo. A garota ignora o que vê e mais do que depressa encerra o seu banho.

Alguns dias se passaram e Rebeca, a melhor amiga de Júlia, percebe que há dias a amiga vem apresentando um cansaço excessivo.

– Você está se sentindo bem?

– Sim, só estou me sentindo um pouco desanimada. – responde Júlia.

– Você está pálida, por acaso emagreceu? - pergunta Rebeca sempre muito preocupada.

– Sim, emagreci 5 quilos em menos de um mês. Ando com muita dor no corpo e notei algumas manchas roxas nas pernas.

- Acho melhor você procurar um médico. – aconselhou-a.

- Você, como sempre, exagerada. Eu só não estou me alimentando muito bem. – diz Júlia, não demonstrando nenhuma importância para o que estava sentindo.

Júlia se despede da amiga e volta a atenção à leitura do livro que estava lendo anteriormente. Já estava nas últimas linhas do segundo capítulo, quando o Professor Juan adentra a sala e pede para que todos se dirijam à quadra, pois teriam aula de Educação Física com avaliação prática de handebol.

Sem questionar, os alunos obedecem, pois, para a maioria, Educação Física era a disciplina predileta. Ao contrário dos amigos, Júlia lamentou a notícia, pois ainda estava sentindo fortes dores nas pernas.

Mal começou a partida e a turma já estava revoltada com Derek que, como sempre, fominha, não passava a bola para seus companheiros de equipe. David, o mais estressado, decide deixar a partida, pois alguns minutos já tinham se passado e ele nem sequer havia tocado na bola. Furioso sai da quadra e, sem olhar para frente, esbarra em Júlia. A pobrezinha, que já estava se sentindo fraca, perde o equilíbrio e cai de forma brusca ao chão.

A partida de handebol é interrompida e todos, sem exceção, correm para acudi-la. Para surpresa de Juan, o professor, Júlia precisava ser levada o mais rápido possível ao hospital. Tentaram reanimá-la, mas a mesma não reagiu. Enquanto isso, Rebeca liga para a mãe da amiga e David, se sentindo culpado, liga para a ambulância.

Rebeca percebe na voz de Maísa que a mesma pouco tinha se importado com o que havia acontecido com sua filha, mas, ainda assim, pede que ela vá até o hospital a que Júlia tinha sido encaminhada.

O estado de saúde da garota era grave, os enfermeiros rapidamente a levam para a sala de exames.

Maísa deixa o escritório com a sensação que era só mais uma queda de pressão, como já havia acontecido outras vezes. Ao chegar ao hospital, é informada que o estado de saúde de sua filha não era dos melhores, pois a febre e sua pressão arterial estavam oscilando.

Maísa, ao ouvir aquelas palavras, entra em desespero, pois até então acreditava que era só um mal-estar. Pede para conversar com o médico que estava cuidando de sua filha, mas é informada pela atendente que o Dr. William Fernandes não poderia atendê-la, pois estava realizando uma série de exames.

- Exames, como assim? Não estou entendendo, quero ver minha filha, agora! - grita Maísa.

- Senhora, acalme-se, por favor! Não posso permitir que a senhora entre na sala de exames. - suplica a atendente.

- Eu exijo, quero ver minha filha... agora!

- Quem passa por esses corredores e a escuta até acredita que você sempre foi um exemplo de mãe.

Ao virar-se, Maísa percebe que o insulto vinha de Rebeca, a melhor amiga de Júlia.

Respira bem fundo, mas prefere calar-se, pois no fundo, no fundo, sabia que aquele comentário vinha de uma adolescente, e que ela era a adulta da relação.

- Acho bom você tomar mais cuidado com as suas palavras, mocinha! - diz Maísa.

- Acho bom a senhora prestar mais atenção na sua filha, pois há dias não se alimenta bem, perdeu em menos de um mês 5 quilos, várias manchas roxas apareceram em seu corpo, você sabia? - insulta Rebeca.

- Não sei aonde você quer chegar com essa afronta?

- A única coisa que eu quero e espero é que você cumpra com o seu papel de mãe, pois é isso que a Júlia sempre esperou. Talvez seja por esse motivo que ela sofra tanto com a ausência do pai e peça todas as noites para que ele a busque. Júlia sempre foi um exemplo de filha, sempre tirou boas notas, obediente a todas as suas ordens e você a sufoca com tantas cobranças. Não permite a ela a possibilidade de ser feliz. Você não é mãe, é um monstro! - desabafa Rebeca.

Ao ouvir aquelas palavras, as recordações do passado vêm à tona de modo que as lacunas e o remorso inundam seu coração.

- Eu preciso ver minha filha imediatamente. – implora Maísa.

- Por que, durante todos esses anos, saber se ela estava bem ou não, nunca foi sua prioridade? Agora que sabe que ela não está bem faz tanta questão devê-la? Vou rogar a Deus para que o tempo seja compassivo, te permita corrigir os erros do passado e ser a mãe que nunca foi.

O momento é interrompido com a presença da secretária que informa a Maísa que o médico gostaria de conversar com ela.

Maísa se dirige à sala do médico na esperança de que o estado de saúde de Júlia não fosse grave.

- Olá muito prazer, sou o doutor William, estou cuidando do estado de saúde de sua filha. – cumprimentou o médico.

- Doutor, como ela está?

- Por favor, sente-se, eu não trago boas notícias.

- Seja direto e me diga o que ela tem. – suplica.

- Bom, eu não posso lhe apresentar o diagnóstico pronto, mas posso adiantar que o que ela tem requer muitos cuidados e a nossa atenção. Precisamos realizar mais alguns exames.

- Doutor, por favor, deixe-mevê-la!

- Eu ainda não posso permitir, pois o quadro exige observação. Percebi nos primeiros exames que a garota já estava apresentando alguns sinais de que não estava bem há um bom tempo. Você, como mãe, não percebeu?

- Confesso não ter notado nada de diferente, pois dedico boa parte do meu tempo em função da empresa, pois quero dar a ela tudo aquilo que um dia eu não tive. – justifica Maísa.

- Não sei, mas tenho a impressão de que ela não precisava tanto assim de dinheiro, mas sim um pouco mais de carinho.

Sem resposta para o que acabara de ouvir, ela diz ao médico que vai tomar um café e esperar o momento para ver sua filha.

A angústia vai tomado conta de Maísa, várias pessoas passam por ela, mas ninguém apresenta notícias. Finalmente, o doutor William aparece e, pelo semblante, a notícia não era boa.

- Não aguento mais esperar. Pelo amor de Deus, me diga o que ela tem?

- Sinto lhe informar, mas o que eu havia presumido se concretizou com o resultado final dos exames, sua filha está com LLA (Leucemia Linfoblástica Aguda).

- Mas o que é isso doutor, seja mais objetivo!

- Ela está com câncer!

Naquele momento, era como se Maísa estivesse perdendo o chão, a dor era tão grande que poderia ser comparada com um punhal perfurando seu coração.

- Doutor, o que eu faço agora?

- Você tem fé? Ore pela vida dela, pois ela pode morrer.

- Nãooooooooo...

O grito de Maísa foi tão forte, a ponto de assustar todos os outros pacientes.

- Acalme-se, a senhora precisa se controlar!

- Como posso me acalmar? Minha filha está morrendo!

- Senhora, precisa acreditar na equipe de médicos e no meu trabalho.

- Doutor, permita-mevê-la, eu lhe imploro!

- Não está em condições devê-la, acho melhor ir para casa e descansar, amanhã é um outro dia. – aconselha William.

Decide então ouvir o conselho do médico e voltar para casa, pois naquele momento seria o melhor a se fazer.

- Dona Maísa, que bom que a senhora chegou, como a Julinha está? - pergunta Isabel, a empregada.

- Isabel, minha filha está morrendo, ela está com leucemia, em um estágio bem avançado.

- Calma, eu tenho fé que ela vai se recuperar. – diz Isabel tentando consolá-la.

- Tomara que você esteja certa!

Maísa vai para o quarto e decide recordar alguns momentos vividos. Por meio de um álbum de fotografias, percebe que na maioria das fotos ela não estava presente, eram sempre Júlia e seu falecido marido.

- Meu Deus, o que eu fiz da minha vida, porque sempre fui tão ausente de tudo e de todos? - diz, com o coração despedaçado.

Ali mesmo Maísa adormece. Minutos depois acorda assustada e aos gritos:

- Nãooooooooooooooo, eu não vou deixá-la morrer.

- O que foi dona Maísa, o que aconteceu? - pergunta Isabel.

- Tive um terrível pesadelo, sonhei que minha filha estava morrendo.

- Calma, dona Maísa, tudo vai se resolver. Julinha é forte e vai vencer essa batalha rapidinho, agora tome um banho e vá se deitar, amanhã é um outro dia.

No dia seguinte, já pela manhã, Maísa e Isabel vão ao hospital. Encontram Júlia deitada com diversos aparelhos; inclusive um que era responsável pela respiração.

- Filha, como você está?

- Mãe eu vou ficar bem, não vou? - pergunta Júlia.

- Claro, filha, você é forte!

- Mãe, seja sincera, o que eu tenho?

- Filha, não tenha medo, estou e sempre estarei com você!

- Mãe, estou ficando preocupada, fale logo o que eu tenho.
– suplica Júlia.

- Filha, você está com... leucemia!

Júlia não se apavora com o que acabara de ouvir e demonstra estar muito mais confiante do que a mãe.

A conversa de mãe e filha é interrompida pela chegada do Dr. William.

- Pelo que posso perceber, Júlia, você acaba de receber a notícia sobre seu diagnóstico. Fique tranquila, pois você está em um dos melhores hospitais da cidade e nas mãos dos melhores médicos do país. – afirmou.

- Doutor e o meu cabelo?

- Eu aconselho você a não passar pelo sofrimento de vê-lo cair dia após dia, eu recomendaria você a raspá-lo.

Julia tenta se controlar, mas não consegue e se derrama em lágrimas.

- Filha, isto que estamos vivendo é só uma tempestade, prometo a você que o sol voltará a brilhar. – diz, com os olhos lacrimejando.

- Mãe, estou tentando ser forte, mas o fato de saber que perderei meus cabelos... -novamente se derrama em lágrimas.

Maísa e Isabel ficam sem palavras ao ver o sofrimento de Júlia. Sabiam que não seria nada fácil para ela. De repente, o celular de Maísa toca, era da escola onde Júlia estudava. Os professores e amigos de turma estavam preocupados e sem notícias do que havia acontecido com a menina. O professor Juan fica boquiaberto ao saber da gravidade do problema que a doce Júlia teria que enfrentar, resolve então dar a notícia a toda classe.

Perplexos com a situação em que Júlia se encontrava, a sala toda decide amenizar a dor e, como amigos, iriam também raspar a cabeça e demonstrar a ela o poder de uma amizade. E assim eles fizeram. O hospital todo se comoveu com a bonita atitude daqueles alunos.

Seis meses se passaram. Júlia saíra do hospital e continuava seu tratamento em casa. Como aquele tratamento era doloroso, todos os dias ela buscava forças e lutava com muita coragem e determinação, pois sabia que sua mãe estava ao seu lado.

Não foi difícil perceber a mudança de Maísa que estava tornando-se uma pessoa melhor a cada dia.

- Filha, aposto que você não adivinha que dia é hoje?!

- Mais um dia de quimioterapia, isso não é nenhuma novidade para mim! – responde Júlia.

- Não filha, hoje é um dia muito especial. – diz com um sorriso nos lábios.

- Fala logo, mãe, agora eu fiquei curiosa!

- É surpresa, mas tenho certeza que vai gostar.

De repente, o Dr.William chega para dar a tão esperada notícia.

- Pelo que posso perceber, você não sabe de nada.

- O que vocês estão me escondendo? - pergunta Júlia.

- Eu trouxe o resultado dos seus últimos exames. – diz o médico.

- Doutor, eu estou curada? - pergunta Júlia

- Simmmmm, você está!

Júlia ficou sem palavras, não podia conter tamanha felicidade, abraça sua mãe e juntas se derramam em lágrimas.

- Mãe estou curada, estou curada!

- Ah, e agora já podem voltar a uma vida normal.

Agradecem ao Dr. William e aos enfermeiros e voltam para casa. Dentro do carro, mãe e filha conversavam, Maísa sente a necessidade de mais uma vez pedir perdão à Júlia.

- Filha, perdão por ter sido essa pessoa tão fria que sempre fui. Durante muito tempo fui cega, egocêntrica, se você soubesse como eu me arrependo!

- Mãe, não precisa pedir perdão, precisávamos passar por tudo isso para nos unirmos. Há pessoas que se unem pelo amor, outras pela dor, o importante é que em algum momento se unam. É nós nos unimos.

Ao chegar a casa, Júlia se depara com mais uma surpresa: uma belíssima festa com todos os seus amigos, professores e familiares. Fica ainda mais feliz ao ver que alguns amigos, inclusive Rebeca, estavam usando uma touca, parecendo que estavam carecas, exatamente como ela esteve.

Rebeca correu para abraçá-la.

- Que bom que você está curada, a vida não tem graça sem você aqui por perto. - disse emocionada.

Júlia estava feliz como há muito tempo não se sentia, sabia que muito mais do que ela, sua mãe é que estava curada.

Escrito pelos alunos do 8º ano A

Alisson Guilherme Monteiro

Ana Cláudia dos Santos

Erick Gabriel Rocha

Henry Grioti Silva

João Victor Sanches de Faria

João Vitor Victorelli

Juliane Quinehen dos Santos Lima

Larissa Alves Mendes

Leonardo Francelino Reis

Luana de Fátima Correia de Oliveira

Lourdes Maria de Almeida

Raiane Wendy do Nascimento

Tamires Lima Precentto

Vitor Gabriel Garcia Guedes

MUNDOS DIFERENTES, SONHOS IGUAIS

Eram 06:00 horas e o despertador toca insistentemente.

- Sophia, você vai se atrasar, levante-se! - diz a mãe.

- Tenho que ir mesmo, mãe?

- O que está acontecendo? Você anda muito desanimada, ultimamente.

- Ah, mãe..... deixa pra lá.

Mesmo contra sua vontade, Sophia se arruma para ir à escola, pois lembrou que tinha teste de Matemática e não poderia faltar.

Quando estava nos últimos degraus da escada, foi interrompida pelo grito de sua amiga, Emanuelle.

- Sophia, você já está pronta?

- Sim, já estou indo!

Com um semblante de desânimo, Sophia se despede da mãe com um beijo no rosto.

Minutos depois, Sophia e sua amiga Emanuelle avistam um grupo de garotos conversando em frente à escola. Diga-se de passagem, todos muitíssimo bem trajados, diferente de Sophia que vestia uma calça de tamanho maior que o seu, uma blusa larga e estampada que mais parecia uma toalha de mesa, sem falar nos sapatos que estavam velhos e desbotados.

No fundo, sua amiga Emanuelle sabia que por trás daquela fisionomia descuidada, havia uma belíssima garota, mas que insistia em se esconder do mundo e das pessoas.

Sophia e Emanuelle perceberam uma grande agitação ao redor dos garotos que traziam nas mãos alguns convites para uma festa a fantasia que aconteceria no próximo fim de semana e prometia fortes emoções.

Não demorou muito até que Daniel um adolescente bonito, moreno de olhos verdes, popular, capitão e artilheiro do time da sala se aproximasse de Emanuelle, entregando-lhe um convite e deixando bem claro que não aceitaria um não como resposta.

Emanuelle percebeu que Sophia havia ficado desapontada por não ter recebido um convite, e mais do que depressa pediu um para sua amiga.

Envergonhado com sua atitude, retira do bolso um convite e olha profundamente nos olhos de Sophia, como quem demonstrava os primeiros sinais de amor.

Naquele momento, Sophia teve a certeza que por detrás daquela arrogância havia um garoto sensível.

Minutos depois, dentro da sala, Kelvin, o melhor amigo de Daniel, perguntou o porquê dele ter entregue o convite para aquela menina que, para eles, era insossa.

Travado com as palavras, responde que só a tinha convidado porque ela seria o alvo de zoações da festa. É claro, porém, que sua resposta era diferente de seus sentimentos. O momento foi interrompido pela presença do professor que anuncia o início do teste de Matemática.

Sentado atrás de Sophia, Daniel mal consegue se concentrar no teste, uma porque não tinha estudado e, outra, porque o doce perfume da garota exalava pela sala.

Quarenta minutos se passaram e Daniel percebe que não havia respondido nenhuma questão e para seu desespero ele precisava tirar uma boa nota, pois do contrário seria expulso do time de futebol.

A concentração de Sophia no teste é embarçada pelo sussurro de Daniel no seu ouvido, que clama pelas respostas.

A garota, desconcertada com aquela situação, e ao mesmo tempo se sentindo útil, disfarçadamente levanta a folha de modo que Daniel consiga enxergar as alternativas.

O agradecimento de Daniel se dá por meio de um bilhete que cautelosamente é colocado em sua mochila.

Apressadamente, Sophia deixa a sala de modo que o professor não percebesse sua atitude errônea em passar as respostas do teste. Não percebe também que deixa cair de sua mochila o bilhete de agradecimento de Daniel.

Em seguida, aliviado pela generosidade de Sophia, decide entregar o teste e deixar aquele ambiente o mais rápido possível.

Lá do fundo da sala, Kelvin avista um pequeno pedaço de papel debaixo da carteira de Sophia que desperta sua curiosidade.

Mais do que depressa se levanta e disfarçadamente pega o papel. Para sua surpresa, o bilhete era de Daniel para Sophia, agradecendo as respostas do teste de Matemática.

Indignado, Kelvin não vê a hora de encontrar Daniel para pedir explicações.

Kelvin corre pelos corredores do colégio e, minutos depois, avista-o na cantina.

- O que significa isso? - diz Kelvin.

Assustado e sem resposta, Daniel nega dizendo:

- Eu nunca agradeceria a ninguém, muito menos a ela.

Kelvin desconfiado responde:

- A letra é idêntica à sua. Mas enfim, prove que você merece fazer parte deste grupo e zombe dela na festa.

A ansiedade tomava conta daqueles jovens, pois a esperada festa se aproximava. Já era véspera e todos os convidados estavam com quase tudo pronto, exceto Sophia, que insistia em não ir.

- Mas, Sophia... - diz Emanuelle.

- Eu já disse que não quero ir. - insiste Sophia.

- Mas, Sophia, você quase nunca sai de casa, vive em função dos estudos. - diz a mãe concordando com Emanuelle e tentando convencê-la.

- Eu jamais iria a um lugar onde todas as meninas são bonitas e bem trajadas, enquanto eu sou feia, tenho cara de traquinhas, sou vista e apelidada como nerd e nem tenho roupa adequada para ir a esse evento.

- Sophia, você se esqueceu de que será uma festa à fantasia onde todos irão locar seus trajes? - diz Emanuelle.

- Eu não estou com vontade e também não tenho condições financeiras.

- Você está muito enganada, mocinha, eu sempre quis que você acompanhasse a moda como todas as garotas da sua idade, você que nunca aceitou. - diz a mãe.

- Tá bom, vocês me convenceram, eu vou a essa festa, mas só porque vocês querem!

- Yees, eu estou indo alugar a minha fantasia, o que acha de me acompanhar? - pergunta Emanuelle, um tanto quanto satisfeita.

- É, fazer o quê?! - responde Sophia com um ar de desânimo.

Minutos depois, na loja de fantasias, Sophia decide provar a primeira fantasia que encontrou e pede a opinião de Emanuelle.

- O que você acha desta?

- Kkkkkkkk, você está parecendo um *hot dog*. Você não leva jeito mesmo para essas coisas, deixa que eu escolho! - diz a amiga.

- Sophia, acho que encontrei, vai vestir perfeitamente em seu corpo!

Emanuelle apresenta sua escolha, um vestido azul royal preenchido com detalhes de *strass*, de modelo tulipa e sem alças.

- Ah, esse não, é muito chique para mim! - comenta Sophia sempre muito pessimista.

- Sophia, pare de se subestimar, ele ficará lindo em você. - insiste a amiga.

Desconfiada, entra no provador, ciente de que seu corpo não se adequaria a tão belo vestido.

Envergonhada, e nem ao menos se olhar para o espelho, Sophia abre a porta do provador e para a surpresa de Emanuelle, a amiga estava digna de uma passarela.

- UAU! Como você está linda! Já se olhou no espelho? - pergunta Emanuelle.

- Ainda não tive coragem.

- Só está faltando uma coisa...

Emanuelle leva as mãos até o cabelo de Sophia e retira a presilha que impedia que seus maravilhosos cabelos pudessem ser vistos.

- Agora sim, você pode se olhar no espelho. – diz Emanuelle.
- Até que não fiquei tão feia assim! - comenta Sophia.
- Tem como parar com essa mania de menosprezar-se? Já estou perdendo a paciência com você. – diz irritada - Agora tire o vestido, é esse que vamos levar! E o meu é aquele lilás que está pendurado ali. - diz Emanuelle apontando o dedo indicador.

- Não é um dos meus preferidos, mas vai cair bem em você!
- Adriana, amanhã, assim que sairmos da cabeleireira, mais precisamente às 15:00 horas passaremos aqui para buscá-los. - diz Emanuelle para a vendedora.

- Ok, meninas, esperarei por vocês!
- Emanuelle, vou te confessar uma coisa, até que não é tão ruim o meu vestido. Vai combinar perfeitamente com meu *all star*.

Ao ouvir o comentário da amiga, Emanuelle teve vontade de esganá-la, mas reagiu à tentação e preferiu ignorar o que ouvira. E seguem o caminho para casa.

- Pronto, chegamos! - diz Emanuelle, abrindo a porta para Sophia entrar.

Ao avistar a quantidade de sapatos, Sophia fica horrorizada e não entende o porquê de uma pessoa com apenas dois pés precisar de tantos pares. Fica ainda mais horrorizada ao ver o tamanho dos saltos.

- Até parece que vou conseguir me equilibrar. - pensa em voz alta Sophia.

- O que você disse?
- Esquece, nada de importante.

- Acho que este ficará ótimo com seu vestido! - diz Emanuelle, mostrando a ela um scarpin de cor bege de mais ou menos 9 centímetros.

- Até parece que eu vou conseguir andar com isso! - comenta Sophia, pouco confiante. - Prefiro meu *all star*.

- Isso, Sophia, reclame mais um pouco e desisto de você!

- Nossa, Manu, você nunca falou assim comigo. Eu disse que não levo jeito para essas coisas.

- Vamos, coloque em seus pés e tente se equilibrar.

Sophia, de maneira desengonçada, cambaleia nos primeiros passos, mas, para a surpresa de Emanuelle, logo se equilibra.

- Nossa, eu jurava que você demoraria muito mais tempo.

- Até que não é tão difícil assim! Agora que já está tudo certo, preciso ir embora, pois já é muito tarde e amanhã o dia promete.

- Encontramo-nos amanhã. E tem mais um detalhe, mocinha, precisamos escolher a sua *make*. E não adianta reclamar! – afirma Emanuelle.

Sophia, ao chegar em casa, é dominada pelo cansaço, de modo que adormece sem ao menos perceber.

É chegado o grande dia e a ansiedade dos convidados era visível.

Já eram 11h 30min e Sophia ainda não havia acordado.

- Filha, acorde, você tem uma série de compromissos e Emanuelle está lá na sala à sua espera.

- Ah, mãe, só mais cinco minutinhos!

- Nem pensar, levante-se agora!

- Aff... eu bem que podia ter desistido dessa ideia absurda. - pensa em voz alta, Sophia.

A impressão que se tinha é que as horas não passavam, voavam. Já era fim de tarde e tudo estava encaminhado, menos a *make* de Sophia.

- Manu, posso te pedir uma coisa? Faça a minha maquiagem, mas não exagere! – suplica Sophia.

- Fique quieta, eu sei o que estou fazendo. – responde a amiga.

Emanuelle era habilidosa quando o assunto era maquiagem. Não demorou muito para que as garotas estivessem completamente prontas.

- Mãe, podemos ir? Já estamos prontas! – disse Sophia

- Filha, você está deslumbrante, ou melhor dizendo, está ainda mais bela!

- Acho melhor nós irmos, se não vamos nos atrasar. – reforça Emanuelle.

Ao se aproximarem do salão de festas, avistaram um grande fluxo de pessoas, todas com belíssimas fantasias.

- Vamos, Sophia! - diz a amiga, empurrando-a para dentro do salão.

- Tenho que ir mesmo? - reclama mais uma vez Sophia.

- Se quiser, pode ficar aqui, não vou sentir sua falta! – responde Emanuelle já sem paciência.

- Aiiiii! Depois dessa, acho que vou com você.

O hall de entrada trazia a seguinte mensagem:

“Sejam bem-vindos à melhor festa dos últimos tempos!”

- Nossa, que salão lindo! Não me lembro de ter entrado em um lugar tão bonito assim. – diz Sophia, admirada.

Luzes de diferentes cores enfeitavam o ambiente, sem contar a enorme pista de dança, centralizando o lugar. Parece que tudo tinha sido feito nos mínimos detalhes.

A cada passo de Sophia, naquele belíssimo salão, eram nítidos os olhares das pessoas que fixamente eram voltados para ela.

- Nossa! Que estranho, todos estão olhando para mim. Eu disse que não devia ter vindo, muito menos vestida como estou.

- Pelo contrário, amiga, todos estão olhando porque você está deslumbrante! Tenho certeza de que devem estar se perguntando quem é você, pois ninguém a reconheceu.

Não demorou muito até que as meninas avistassem o grupo de meninos do qual Daniel fazia parte.

- Nossa! Como eles estão lindos, principalmente o Kelvin! - diz Emanuelle.

- De que adianta eles serem bonitos se são arrogantes e egocêntricos?!

- Você pensa que eu não vi seus olhos brilharem e um forte suspiro ao ver Daniel?

- Até parece que me interessaria por ele! - responde Sophia, meio sem jeito.

- Você pensa que me engana com esse seu papinho?

- Agora, se você me der licença, vou lá cumprimentá-los. - diz Emanuelle.

- Então vá sozinha, porque eu não irei com você. Vou pegar algo para beber, pois estou com sede.

- Olá, meninos, como vocês estão? - cumprimenta Emanuelle.

- Estamos bem. Não me lembro de ter visto a sua amiga Sophia, por acaso ela não veio? - pergunta Kelvin, pronto para mais uma zoação.

- Você sabe como é a Sophia, né? Preferiu ficar em casa estudando. - responde Emanuelle.

- Quem é aquela moça que estava na sua companhia? - pergunta Daniel.

- Ah, aquela é a minha prima, ela se chama Lílian. Ela ficou encantada com a sua beleza, o que acha de ir até lá conhecê-la? - sugere maliciosamente Emanuelle.

- Vá, Daniel, aproveite a oportunidade, ela é a garota mais bonita da festa. - diz Bruno.

A vontade de Daniel era de não ir, mas sabia que se não fosse, seria zombado por seus amigos.

- Então você é a Lilian? - pergunta Daniel, aproximando-se da garota.

- Quem?! - diz Sophia.

- Você não é a Lilian, prima da Emanuelle? Acabei de falar com ela. – indagou Daniel.

- Ah, sim, sou eu mesma. – exclamou Sophia sem entender o que estava acontecendo.

Daniel fica impressionado com a beleza de Lilian e ao olhar profundamente em seus olhos, percebe que aquele olhar lhe era familiar.

- Posso conhecê-la melhor? O que acha de dançar comigo? - pergunta Daniel.

Tremendo, suando frio e sem saber o que dizer, Sophia sabia que aquela era a oportunidade que tanto havia esperado.

- Sim, aceito. - respondeu sem pensar.

Ao sentir o toque de Daniel em suas mãos, Sophia se sente envolvida com a romântica música que tocava no momento.

Os olhos azuis fizeram com que Daniel se aproximasse ainda mais de Sophia e, sem poder se conter, a beija.

O beijo não demorou mais que 30 segundos, mas foi o suficiente para levar Sophia até as estrelas.

- Eu não deveria ter feito isso, me perdoe, Lilian! – diz Daniel

- Como assim, você se arrependeu? - pergunta Sophia.

- Sou apaixonado por uma garota, uma garota da minha classe. – responde Daniel.

- Quem é essa garota? - pergunta Sophia com o coração acelerado

- É uma garota encantadora, de coração generoso, e que jamais se apaixonaria por mim.

- E por que ela não se apaixonaria por você?

- Sou um bobo, faço parte de um grupo de garotos que não pensam em ninguém a não ser neles mesmos. – desabafa Daniel.

- E por que não conserta o seu passado e tenta conquistá-la?
- Porque sou fraco e não tenho coragem de dizer isso à Sophia.

- Sophia? Esse é o nome dela?
- Sim, tão lindo quanto ela! – diz Daniel.
- E se eu te dissesse que eu sou a Sophia e também sou apaixonada por você?
- Você é a Sophia? E agora? O que eu faço? - pergunta Daniel, desconcertado com a situação.
- O que você faz? O que acha de esquecer o passado, viver o presente e juntos escrevermos o nosso futuro? Agora chega de perder tempo e me beija!

Escrito pelos alunos do 8º ano B

Ana Maria Moreira de Oliveira

Eduardo Henrique Soares

Enrico Monteiro do Nascimento

Gabriel Pereira da Silva

Igor Chmereha Costa

Isabela de Andrade

Kauê Felipe da Silva

Kawana Simões Alves

Leonardo Pereira Castilho

Lorena Aparecida de Oliveira

Mariana da Silva Maria

Mariana Gabriele Placinsch

Miguel Clayton Moreira

Milena Lazarini

Myrella Cagnin de Gouvêa Félix

Nicole Batista dos Santos Alves

Vinicius Rafael de Souza Pereira

Willian Ricardo Coutinho de Dio

Wilson Aparecido Molinari Junior

PARA CONTEMPLAR O ARCO-ÍRIS É PRECISO PASSAR PELA TEMPESTADE

Segunda-feira, 23 de março .

"Aff! Hoje o meu dia promete. Já acordei atrasada, aos gritos de minha mãe:

- TALITAAA, acorda já são sete horas.

- Bom dia para você também mãe!

- Que bom dia o quê! Olha aqui, mocinha, quando eu tinha a sua idade, acordava todos os dias às 4h da manhã, deixava o café pronto para os meus irmãos, sem contar que precisava me arrumar às pressas, caminhava dois km, atravessava um rio e levava todos os materiais num pacote de arroz, enquanto você acorda às seis e meia com o café já pronto, a van esperando na frente de casa e todo ano me faz gastar horrores com os materiais da escola, tudo isso para satisfazer seus desejos.

- Tá...tá...tá... mãe, tá bom! Estou indo.

- E você não vai tomar café, mocinha?

- Não tenho tempo, a van já está me esperando.

Naquele momento, a minha vontade era de tomar café, mas optei por deixar minha mãe com remorso.

É, querido diário, é sempre assim aqui em casa. As atitudes de minha mãe não me surpreendem mais, pois ela sempre agiu desta maneira.

Ao entrar na van, logo avistei meu lugar, a última poltrona à direita, um ótimo lugar para se pensar nos problemas.

Volto a pensar se não foi o estresse excessivo de minha mãe que fez com que meu pai a deixasse, quando Bárbara aparece e pergunta:

- Adivinha o que minha mãe preparou de lanche para mim?

Está aí a prova de que todas as mães se importam com seus filhos mais do que a minha. Esse foi o meu pensamento naquele momento.

- Não sei, Bárbara, e nem quero saber!

- Mesmo assim, vou te dizer, trouxe um sanduíche de hambúrguer com cheddar e um suco natural de laranja.

- E quem disse que eu quero? E só para te avisar, esse lanche vai te fazer engordar horrores.

É claro querido diário que minha vontade era de devorar aquele lanche inteiro, mas como eu havia sido mal educada com a garota, preferi ficar na minha.

- Verdade, acho que você está certa. Vou deixar esse lanche aqui e comprar outro no recreio, quem sabe um de peito de peru ou de atum são mais saudáveis, né?

Mais uma vez, ignorei aquela pirralhinha. Para a minha felicidade, chegamos à escola onde Bárbara estudava e observei que ela havia deixado o lanche em sua poltrona, foi a oportunidade perfeita para matar minha fome. Mas para o meu descontentamento, a pirralha havia esquecido o seu agasalho, voltou para a van e me presenciou devorando seu lanche que, diga-se de passagem, estava maravilhoso.

- Cuidado, hein, Talita, ouvi dizer que esse lanche engorda horrores.

(Tapa na minha cara...)

Preferi não responder à menina, pois a fome era maior que minha vergonha.

Na volta para casa, mais ou menos às 11h 50min, a minha vergonha era tão grande que optei por sentar o mais afastado possível de Bárbara, afinal de contas, estava sem moral com ela.

Mal cheguei em casa e já me deparei com um pergaminho com os afazeres domésticos, deixados para aquele dia. Agora, sente-se, diário, que de pé você vai se cansar, ele era mais ou menos assim: aspire os tapetes, tire todo o pó dos móveis, lave os banheiros, coloque comida para o Bob, lave a calçada, limpe a casa, lave seus calçados, estenda a roupa no varal do fundo e organize seu quarto. Pois é, e a minha mãe ainda diz que não tem empregada aqui em casa.

Meu Deus já são 16h 50min, só faltam 10 minutos para a minha mãe chegar e ainda falta lavar a calçada. Aff, parecia até castigo, assim que peguei a mangueira, minha mãe chegou.

- O QUE VOCÊ FEZ ATÉ AGORA, QUE AINDA ESTÁ LAVANDO A CALÇADA? TENHO CERTEZA QUE FICOU MEXENDO NO CELULAR!!!

Sim mãe, fiquei o tempo todo no celular, aceitei 73 solicitações de amizade no facebook, analisei perfil por perfil, postei quatro fotos e ainda recebi 303 curtidas, por isso, diante do pergaminho que você deixou eu só não dei conta de lavar a calçada - Óbvio que eu só pensei e não verbalizei.

- Nossa, mãe, eu fiz tudo o que a senhora pediu, só estou terminando de lavar a calçada. – foi o que respondi na hora.

Minha mãe, como sempre, me contrariou:

- É né, mas você teve a tarde inteira para fazer. Por que não fez antes?

- Mas, mãe...?

- Mais nada, Talita, termina de lavar a calçada e entra logo!

É claro que minha mãe nem sequer perguntou se eu precisava de ajuda. Aquela calçada era tão pequena que parecia a muralha da China.

- Ufa! Terminei, não demorou tanto assim, já são quase 19:00 horas.

- Mãe, estou com fome, o que tem para comer?

Depois de tanto trabalho, seria justo uma recompensa com o meu prato preferido, uma lasanha de frango. Doce ilusão, era figado de boi - resto do almoço. - Não havia outra opção, já que estava com fome e só tinha aquilo para comer.

E como se não bastasse o prato francês “restodontê”, para finalizar o dia de escravidão, ainda tive que lavar toda a louça.

Agora, diário, se você me permite, vou colocar meu pijama, ler um bom livro até que o sono venha, pois amanhã terei um longo dia pela frente”.

Terça, 24 de março.

“Bom DIAAAAAAAA!!!!

Deu para perceber que acordei bem-humorada?!

É que faltam menos de 24 horas para completar os meus 14 aninhos! E sabe o que eu quero ganhar? Aquela coleção de livros que eu tanto amo.

O dia tinha começado tão bem, até que:

- TALITAAAAAAA, acorda...

- Mãe, já estou até pronta!

- Aleluia, né, dona Talita! Deve ser por isso que o tempo está mudando para chuva, agora venha tomar café!

Viu diário, é como eu disse, mesmo quando faço as coisas certas, minha mãe insiste em implicar comigo.

AFF!!! É difícil viver em um ambiente em que a pessoa faz de tudo para te contrariar e mostrar que em todas as circunstâncias, sempre será a dona da verdade.

Há 7 meses, quando meu pai foi embora, eu o critiquei por não entender quais eram suas razões. Hoje entendo que foi por um único motivo: minha mãe.

É sempre um alívio estar com meu pai, ele é um alguém a quem admiro muito, afinal de contas, conseguiu aturar minha mãe, Dona Lucia de Almeida Campos, por quase 14 anos.

Ao contrário de minha mãe, ele é paciente, protetor e mesmo não sendo uma filha perfeita, ele me entende.

Muitas foram as vezes que pensei em morar com ele, mas preferi ficar aqui para não deixá-la sozinha.

Agora chega de blá blá blá, vou terminar de me arrumar antes que leve outra bronca, a gente se fala mais tarde”.

13h 02min

“Estou de volta. No que diz respeito à escola, nenhuma novidade: Priscila que não aceita o término do namoro com Daniel e fica chorando pelos cantos; duas aulas geminadas da Professora Valéria, de História, falando sobre o passado no qual nunca vivi, e como se não bastasse de novo, Bárbara com aquela conversa fiada ‘adivinha o que eu trouxe de lanche hoje?’

AFF!!! Agora vou cumprir com meus afazeres diários, até mais!”

22h 07min

“Só passei para dar um boa noite, vou aproveitar para dormir mais cedo e poupar minhas energias.

Obs: Lembrando que amanhã é o meu....?

ANIVERSÁRIO!!!”

Quarta, 25 de março

22h 39min

“Oi, já vou logo adiantando que aquele que era pra ser o melhor dia da minha vida simplesmente não foi.

Hoje, eu não pretendia ir à escola, mas minha mãe me obrigou e, ainda por cima, não me deu os parabéns. Meu desejo era que minha mãe estivesse fingindo e que, no fim da tarde, quando ela chegasse do trabalho, minha coleção de livros estivesse em suas mãos, já que passei 19 dias dando indiretas.

E sabe o que recebi? Uma pilha de louças para lavar.

Ainda bem que tenho quem se importe comigo. Exatamente às 18h 30min, meu pai chegou em casa com a minha coleção de livros em mãos.

Você acredita diário, que a minha mãe teve a ousadia de dizer que não havia encontrado em nenhuma livraria? Ela pensa que eu não sei que ela se esqueceu do meu aniversário!

Meu pai disse que precisava ir embora, pois havia acabado de chegar do trabalho e estava exausto. Mas, a verdade é que ele percebeu que o clima não estava nem um pouco agradável, resolveu ir embora, me deu um beijo na testa e um forte abraço.

- Obrigada mãe, pelos parabéns que a senhora me deu!

Me arrependi amargamente por ter dito aquilo. Minha mãe encheu os olhos de lágrimas, mas permaneci com pulso firme e para não demonstrar que era fraca virei as costas e saí.

Ao me deitar, escutei um choro vindo do quarto de minha mãe, fiquei preocupada, pois ela não tinha saído do quarto nem para jantar. Abri a porta discretamente e a encontrei aos prantos.

Comovida com aquela cena, sentei-me ao seu lado, mas não tive coragem de dizer nada. Nem sequer precisei, pois dona Lucia desabou:

- Sabe, Talita, seu pai era tudo para mim, eu não sabia tomar nenhuma decisão sem antes comunicar-lhe, e quando ele se foi, parte de mim foi junto com ele. Tento me mostrar forte e durona na sua frente, mas a verdade é que sou frágil e sensível, pois não aguento o fato de saber que hoje não tenho o amor desse grande homem. Tudo isso por eu não ter o controle do meu próprio temperamento.

Meu Deus, agora sei que minha mãe não age assim voluntariamente. No fundo ela só não sabe expressar seus sentimentos.

Depois de um longo dia, o melhor a se fazer é dormir, boa noite!"

Quinta, 26 de março

"Bom dia, diário... Acordei um tanto quanto disposta e depois do dia de ontem tenho certeza que minha mãe vai melhorar as atitudes e vai ser a mãe que sempre sonhei em ter."

23h 24min

“Diário, retire tudo que eu disse hoje de manhã ‘mudança de minha mãe’ porque de novo ela me acordou aos gritos e me tratou como todos os outros dias, como se não tivesse acontecido nada. Infelizmente, ela continua acreditando que eu sou o centro de seus problemas.

Graças a Deus que amanhã é sexta, feriado, sendo assim passarei um tempo maior na casa do meu pai, é só lá que essa ausência de carinho é preenchida. Boa noite, a gente se encontra amanhã.”

Sábado, 28 de março

17h 23min

“Nossa, diário, desculpa por ter te esquecido ontem em casa. Meu pai tinha combinado que passaria às 8:00h da manhã, mas distraída como sou, esqueci de colocar o celular para despertar; acordei com a buzina do carro. Me arrumei com tanta pressa que acabei te esquecendo debaixo do travesseiro. Tirando isso, meu dia com meu pai foi maravilhoso. Sabe aquele parque de diversão que eu tanto queria ter ido e minha mãe não me levou? Fui com meu pai. Na hora do almoço, inacreditavelmente, não comi figado de boi. Pelo contrário, devorei um lanche monstruoso. Foram tantas gargalhadas, desabafos e, no fim da tarde, pedi ao meu pai um sorvete, ele disse que eu poderia escolher o que eu quisesse e me entregou a sua carteira. É claro que eu sou esperta e escolhi o maior e mais recheado sorvete que tinha na sorveteria. Ao abrir a carteira, encontrei uma foto de minha mãe ao lado de seus cartões de crédito. Não entendi o porquê daquela foto estar ali. Decidi, então, pagar o sorvete e perguntar:

- Pai, você ainda sente alguma coisa pela minha mãe?

- Ah, filha...

- Estou perguntando porque acabei de encontrar uma foto dela na sua carteira.

Meu pai e eu conversamos por um bom tempo e ele disse, então, que, apesar da personalidade forte de minha mãe, ele ainda a amava. Ao ouvir aquelas palavras me dei conta de que os dois ainda se amam e, cumprindo meu papel de filha, deveria fazer algo para reatar esse amor.

Ao chegar em casa, estava apreensiva para desabafar com você e foi aí que me dei conta que havia te esquecido na casa de minha mãe.

Meu pai pediu para que eu organizasse as minhas coisas, pois, infelizmente, já era hora de retornar à “minha casa oficial”.

Para minha surpresa, ao chegar em casa, encontrei minha mãe chorando, com o meu diário nas mãos. Fiquei sem reação e com medo do que minha mãe faria e comecei a me desculpar. Fui interrompida com uma palavra que nunca saiu de sua boca: perdão.

Minha mãe disse que não imaginava ser aquele monstro que eu descrevi esses anos todos em você.

Calorosamente, ela me abraçou, pediu uma chance de recomeçar e assim se tornar uma pessoa melhor. Enxugou as suas lágrimas e disse que faria qualquer coisa para me ver feliz. Aproveitei a oportunidade para pedir a ela que ligasse para o meu pai, convidando-o para um almoço, no dia seguinte. Deixei bem claro que esse momento me proporcionaria a alegria dos velhos tempos. E não é que ela ligou convidando-o!

Agora, sem mais, boa noite! Estou indo dormir feliz da vida.”

Domingo, 29 de março

“BOM DIAAAAAAA!!! Hoje acordei com um suave ‘bom dia’ e um delicioso café da manhã de minha mãe.

Ainda era meio dia e o almoço estava quase pronto, e o cheiro de lasanha exalava pela casa. Detalhe: prato predileto de meu pai e meu também.

De repente, a campainha toca, meu coração acelera, era meu pai. Ele estava bonito como nunca. Minha mãe, ao descer a escada, vestia um lindo vestido azul que realçou ainda mais seus olhos. Ficamos impressionados com sua beleza, há tempos que não a víamos daquele jeito.

Como sempre, muito cavalheiro, meu pai disse que ela estava linda. Constrangida e meio sem jeito, pediu que nos sentássemos à mesa, pois ela serviria o almoço.

Tão maravilhoso quanto a beleza de minha mãe, era o almoço que ela havia preparado. Hummmmm, que delícia!

Durante o almoço todo, era eu quem puxava o assunto, pois se dependesse deles, até mesmo minha respiração seria capaz de ser ouvida. Já não aquentava mais ver aquele bonito amor ser guardado em um passado. Foi então que decidi desabafar, dizendo que aquela situação não poderia mais continuar, eles se amavam e precisavam ficar juntos. Disse a meu pai que todo ser mortal merece uma segunda chance, e

que ele deveria resgatar esse amor, pois era muito maior que os defeitos de minha mãe. Disse também que se eles continuassem agindo como dois adolescentes bobos, o tempo seria cruel e não esperaria por eles. Imediatamente, saí de casa e os deixei a sós, eles precisavam conversar. Um tempo depois, voltei para casa, Não sabia ao certo o que tinha acontecido, mas, quando cheguei, vi no dedo esquerdo da mão de minha mãe aquela aliança que há 14 anos, no altar da igreja, ela recebera de meu pai. Não precisou de mais nada para eu entender que voltaríamos a ser uma FAMÍLIA.

P.S.: É diário, ter esquecido você foi a melhor coisa que eu poderia ter feito, RSRSR (FELIZ COMO NUNCAAAAAA)."

Escrito pelos alunos do 9º ano A

Aline Amanda Fávero Jastrinski

Ana Carolina Rossi

Ana Paula Cavalcanti da Cruz

Augusto Eneas Costa

Beatriz Fernandes de Brito Diogo

Cássia Vitória de Souza dos Santos

Fabricio André Reis

Gabriela Mendonça Covre

Giovana Barbosa Cervatti

Giovanna Ullian Martins

Giovanna Luiz Fontana

Giovanna Baeza

Janaina Kawane Moraes

Julyano Ferreira Veiga

Kamila Vitória de Oliveira Vicente

Kathlen Fernanda de Oliveira

Leonardo Henrique da Silva

Lorena Maldonado

Luis Felipe Silva dos Santos

Mateus Rodrigues Ramos

Ricardo Néia Spaziani Junior

Wellinton Fabricio de Souza

Ynara Fernanda Batista da Silva

Poesias

DESTINO

Vejo a vida
Como se fosse um cassino
Cheia de armadilhas
Sem ter a certeza do destino

O tempo repentino
Um autêntico cretino
Desafia o menino
Tornando-o um assassino

Assassino do seu tempo
Do seu vento, seu alento
A todo momento
Deixando sempre algo no pensamento

À luz do divino
Esperançoso vive o menino
Com medo repentino
Tentando entender seu próprio destino.

Emily Rodrigues Ortolan 8º ano A

SAUDADE

Como me expressar?
Demonstrar um sentimento
Que quando o sentimos
Desacelera o tempo

Um sentimento que chamamos
Até mesmo de insensível
Quando o matamos
Temos uma sensação indescritível

Seu nome?
Saudade
Com uma boa dose aplicada
Estraga toda a felicidade.

Edsel Rangel Moreira 8º ano A

NATUREZA

Tão esbelta
Linda
Tão composta
Porém exposta

Tão perfeita
Do seu jeito
Como um rio
Que serpeia em seu leito

Ela é tudo para nós
Mas o homem não entende
Destroi benefícios que são necessários
Nunca se arrepende

Edsel Rangel Moreira 8º ano A

CAMINHOS

Eu decido o meu
Você decide o seu
Mas depende das nossas escolhas
E também de Deus

Tanta gente que eu vi
Estragando o seu destino
Por culpa das ações
De quando era menino.

Edsel Rangel Moreira 8º ano A

AMIZADE

A amizade é linda
Requer amor
A amizade é essencial
Nos momentos de dor

A amizade é bonita
Há algumas que eu quero
Levar para toda a vida

A amizade
Tem que ser verdadeira
Nos momentos bons
Até mesmo nas brincadeiras

Uma vida sem amizade
Não é uma vida feliz
Eu tenho amigos
Que eu sempre quis.

Yasmin Maria de Oliveira 8º ano A

NOITE

Nesta noite escura
A única luz é a da lua
Sinto uma solidão
Quando olho para minha rua

As crianças não têm mais
O brilho no olhar
Os adultos perderam
A vontade de sonhar

A alegria foi embora
O medo me restou agora
O que eu faço
Para não cair fora?

De manhã
O sol nasce
A alegria renasce
Um novo dia floresce.

Yasmin Maria de Oliveira 8º ano A

CAMINHADA

Você sempre foi guerreiro
Não desista agora
Não deixe que o medo
Leve seu sonho embora

A caminhada é longa
O caminho é estreito
Não pense agora em seu defeito
Esse é o seu jeito

Hoje você ganha
Amanhã você perde
Não se preocupe hoje
Amanhã você esquece

Errar faz parte
É salutar errar para acertar
Nunca pare de sonhar
A caminhada você vai completar.

Yasmin Maria de Oliveira 8º ano A

MÚSICA

A música me fascina
Sempre me ensina
O som de cada melodia
Move meu dia

A música me inspira
Coloca-me na direção
Quando a ouço
Toca meu coração

Nas músicas para dançar
Nas músicas para chorar
Há pontos em comum:
A liberdade de sonhar.

Yasmin Maria de Oliveira 8º ano A

ILUSÃO

Trancado neste quarto
Pensando lentamente
Numa menina bela
Que me ocupava a mente

Ficava desinquieto
Porque não podia encontrá-la
Mas ao vê-la em pensamento
Perdia a fala

Não via a hora de beijá-la
Será que ao menos poderia tocá-la?
Mas não, era só solidão.
Misturada com um pouco de ilusão.

Lucas Fernando Bispo de Matos 8º ano C

ESCOLHAS

Vejo a vida como se tivesse vários caminhos
Um para o bem, outro para o mal.
O bem me leva além
E o mal, pode, também.

Tudo é questão de escolhas
Basta discernimento para caminhar
Quem escolhe o caminho é você
Mas prepare-se para onde irá chegar.

Acostume-se com a consequência
Não reclame, tenha ciência
Depois que chegar
Não adianta mais reclamar!

Lucas Fernando Bispo de Matos 8º ano C

DECISÕES

Acontece muita coisa
Num curto espaço de tempo
Vidas se entrelaçam
Na correria deste dia

São tantos momentos
Que passam a acontecer
Uns choram por ganhar
E outros por perder

Nesse espaço tomamos várias decisões
Atreladas a diversas ocasiões
Decisões concretas ou incertas
Desafiadoras e construtoras

O dia é assim
Acontecimentos sem fim
E o ciclo continua
Aqui dentro de mim.

Lucas Fernando Bispo de Matos 8º ano C

PESSOAS

A cada dia que passa
Vejo a vida sem graça
As pessoas se transformando
Em robôs de comando

A tecnologia influencia
Parece ter magia
Veio para transformar
Há pessoas sem pensar

Num click vou longe
Nem preciso me esforçar
Mundos eu conheço
Só basta navegar

Eu que nada sei
Meu tempo não vou perder.
Quero pensar para crescer
E crescer para vencer.

Lucas Fernando Bispo de Matos 8º ano C

CULPA

Não tive culpa se acabou
Foi você que me deixou
Agora vem atrás
Desculpe-me, tarde demais.

Não sou culpada por seus erros
Você quem quis errar
Foi pela cabeça dos outros
Preferiu não me amar.

Giovana Lais dos Reis Teixeira 8º ano B

VOCÊ

O medo de te perder
É obscuro, pois temo
Em sofrer

Te amar sob as estrelas
Seria te amar
De qualquer maneira

Seu sorriso
É meu abrigo
Seu abraço
Meu primeiro passo

Mesmo que teus cabelos
Fiquem brancos como a neve
E suas pernas não funcionem como antes

Te amarei
Porque você é meu
Amigo, namorado e sempre elegante.

Mariana Mendes dos Santos 9º ano C

AMOR

Um menino apaixonado
Sem graça tem ficado
Por uma linda menina
Ficou muito encantado

Ele não suportava seu olhar
Queria ter forças para desabafar
No fundo ele sabia

Que por ele, ela também poderia um dia se apaixonar

Sem pensar convidou-a para jantar
Era a oportunidade
Do amor começar.

Richard Leonardo Domingues Bello 9º ano B

SEU SORRISO

Quando a luz
Do sol se apagar
O mundo
Todo se escurecerá

Vou pegar o seu sorriso
E iluminar o amanhecer
Simplesmente esse brilho
Me leva ao paraíso.

Mariana Mendes dos Santos 9º ano C

SOFRIMENTO

Sabe, quando te conheci
Descobri a pessoa mais incrível

Tentei fazer o possível
Para te salvar
Mas eu não consegui ajudar

O meu sofrimento
Construo
Tentando entender meu rumo

Para sempre vou levar
Da tua morte, vou lembrar.

Mariana Mendes dos Santos 9º ano C

MÃE

Os seus cabelos negros
Que combinam com este seu sorriso lindo

A sua voz me fascina
Seu abraço, meu abrigo

Não importa se está perto ou longe
Conte comigo para todos os momentos

Mãe, você me ensinou a crescer
Sem olhar para trás
E não sentir medo de viver.

Amo-a e da sua mão não quero soltar
Ao seu lado quero sempre estar.

Mariana Mendes dos Santos 9º ano C

MUNDO

No mundo de hoje
Há muita intervenção
Político contra político
Nação contra nação

Professores em greve
Salas abandonadas
Alunos parados
Sem ninguém fazer nada

Gritos de fome
Barulhos de guerra
É isso que está
Acontecendo em nossa era

Devemos parar
Não continuar
Para o nosso mundo
Poder melhorar

Mariana Mendes dos Santos 9º ano C

PERDÃO

Seu nome em meu coração
Já está tatuado
Mas o que adianta viver
Se não estiver ao seu lado

Vai ser um sofrimento
Todo esse episódio
A viver nessa vida
Cheia de amor e ódio

Minha aparência é triste
Vou permanecer na solidão
Só ficarei melhor
Se tiver o seu perdão.

Gustavo Bueno da Conceição 9º ano C

ESPELHO

Vejo meu eu aqui refletido
Sem entender o que aconteceu comigo
Uma pessoa sem horizonte
Vivendo, pensando no ontem

As duras marcas do passado
Estão refletidas à minha frente
As marcas de expressão
Me preocupam a mente

Todos acham que não existo
Me vejo nitidamente
Tal qual reflito
Não minto

O espelho é severo
Não mente, é sincero
Guardo a imagem do meu eu
Tentando entender o que aconteceu.

Kawane Agatha Pereira 9º ano C

ATITUDES

Se estou triste, procuro me alegrar
Porque mal não posso ficar
Sorrio para disfarçar
É mais fácil que explicar

De uns tempos para cá já é normal
Faz parte da rotina ter sorrisos falsos
Novamente medos me impedem de sonhar
Culpa de pessoas que não sabem amar

Prefiro esquecer e seguir meu caminho
Mas não faz sentido caminhar sozinho
Pare de bancar o bonzinho
Fica aí chorando que eu vou para o rolezinho.
Partiu?

Mariah Vitória Gonçalves 9º ano B

LER PARA VIAJAR

O dia do livro é muito importante
Muita gente alegre, história excitante.

Podemos ler e nos divertir
Até a Chapeuzinho pode vir.

A bruxa pode gritar
Para João e Maria assustar
Os sete anões podem até cantar
E todos nós podemos acompanhar

No castelo, eu vou entrar
E a fera eu vou encarar
E se a Bela desmaiar
Posso até gritar para ela despertar

Num instante de leitura
As palavras ganham vida
A imaginação começa a despertar
Pronto, a vida vai mudar

O lobo vai aparecer
E todos vão tremer
Eu vou me assustar
O lobo, o caçador vai matar

A imaginação vai sair
Minha cabeça pode até explodir
Esse caos vai se espalhar
Vamos sonhar, para o encanto voltar

No sítio, eu posso até entrar
O desafio vai começar
Com Monteiro Lobato quero me deparar
Para me ajudar a desvendar
Os mistérios que existem por lá.

Malévola brava está
Pois Cinderela seu posto quer ocupar
Seu príncipe sai a procurar
Mas nada vai encontrar

A história chegou ao fim
Mas no livro ficará
A imaginação na sua cabeça está
É só ler para começar a viajar.

João Luiz Ramos Cereia 9º ano A

A ARTE DE VIVER

A arte de viver
É sempre um desafio
Temos momentos de nascer
E hora certa para morrer

Faça dessa arte
Instantes de felicidade
Compartilhe alegrias
Viva de verdade

Para na hora de findar
Não se arrepender
Agradecer pelo que viveu
E esperar para saber
O que vai acontecer!

João Vitor Pereira 9º ano C

SOFRIMENTOS

Eu posso ser seu pior pesadelo
Irei entrar em sua mente
Farei você ter muito medo
No final é isso, infelizmente

Esta é a minha sina,
Trazer sofrimento e devaneio.
Por que isso me fascina?
Porque esse é meu jeito.

Luciana Vitória Ribeiro da Silva 9º ano C

POETA

Aquele cara sabe o que faz,
Tem uma rima e uma ginga
Que o mundo não é capaz,
Mas o melhor, não é sua misinga.

O cara ali é um poeta
Faz versos de chorar
Cada estrofe é completa,
Ninguém o consegue superar.

Sim, aquele é o cara
Todo mundo tem inveja,
Mas ninguém se compara
Pois sua poesia é “mara”.

Luciana Vitória Ribeiro da Silva 9º ano C

ÓDIO

Esse sentimento me abala
Pois, ninguém o para.
O ódio é o que me sedenta,
É o que me alimenta

Nós idealizadores somos profundos,
Tocamos em feridas de imundos.
Nós não ligamos, pois, nossos corpos
São feitos de destroços.

Essa é a minha ilusão
Imaginar que serei muito bom.
Odiar é o que eu gosto,
Então não mude o meu foco.

Luciana Vitória Ribeiro da Silva 9º ano C

PECADO

Pecar é uma palavra sem muitos significados
Quando as pessoas a dizem ficam alguns minutos calados.

Não sei porque elas têm medo
Se só é uma palavra, não tem segredo!

Essa palavra pode ser assustadora
Para quem não sabe fazer escolhas.
Agora consigo entender o pecado
Não é só uma palavra é a escolha de um lado

O pecador não tem medo de pecar,
Pois, sua alma é feia e é de amargar.
Muitos pecadores se redimem,
Mas, outros só vivem no lado do crime.

Luciana Vitória Ribeiro da Silva 9º ano C

MORTE

Nós não a esperamos,
Muito menos a amamos,
Ela nos assombra
Sem dó nem piedade, sabe quem é?
É a morte, aquela que acaba com toda a sua sorte.

Pois é, ela é traiçoeira
Pega a gente como uma ratoeira.
Nós não a convidamos para entrar,
Em nenhum lugar.

Quando ela sente cheiro de sofrimento,
Se coça que nem cão sarnento.
Não tem medo de nada,
Pois, não é amada.

Luciana Vitória Ribeiro da Silva 9º ano C

DERROTA

A vida não é um mar de rosas,
Tudo tem um pouco de derrota,
Vivemos, aprendemos e superamos,
Mas às vezes nós não suportamos.

Tem gente, que diz que isso passa,
Mas, eu acho que isso é uma desgraça.
Apesar de muitas derrotas,
Nunca me rebaixei a hipócritas

Sem pensar, o que dizer
Não consegui me conter,
Pois, como dizem “perdedores”
Só sabem ser usurpadores.

Luciana Vitória Ribeiro da Silva 9º ano C

INTERESSES

Ao longo da minha vida
Fiquei pensando na derrota
Achava que esbanjava riqueza
Havia pessoas ao meu lado que não queriam pobreza

Eu estava no topo
Mas perdi tudo com o tempo
E isso alterou meu pensamento
Me fez pensar naqueles momentos

Isso foi obra do destino
Que deu toda a riqueza
Para um nordestino
Que teve muita nobreza.

João Vitor Pereira 9º ano C

ILUSÃO

O amor tem prazo de validade
Não sofra com a realidade
Na tristeza de um novo dia
Mesmo assim sorria

O que você sentia
Parecia magia
Sempre achava
Que tudo seria alegria

Você pensava em estudar
Mas sem querer começou a me amar
Ao meu lado queria estar
Pensava somente em me beijar

Machucou seu coração
Criou tantas expectativas
Por um amor
Que sempre foi ilusão

Danielle Souza Passos dos Santos 8º ano A

SOFRIMENTOS

Ela sofreu
Porque tudo na vida perdeu
Nela só restou a dor
Que vinha acompanhada de ódio e rancor

Às vezes ao recordar
É difícil não chorar
Teve vontade de gritar
Por não ter amigos que a pudesse consolar

Já pensou até em morrer
Assim não precisaria mais sofrer
Mas no fundo ela sabe
Que essa prova vai vencer

Daniele Souza Passos dos Santos 8º ano A

O ADOLESCENTE

O adolescente
É um ser difícil de entender
Faz as coisas, mas não sabe
Como realmente devem ser

Ele pensa que ninguém o entende
Por isso se acha inteligente
A mãe só cobra responsabilidade
Enquanto ele só quer ficar à vontade

Mas o que todos não sabem
É que o adolescente só quer ter liberdade
Ele precisa de um espaço e tranquilidade

Nicolle Isabele Alves dos Reis 8º ano C

AMOR

Na vida há duas escolhas
Duas incertezas e uma decisão
O que sinto por você
Ou é amor ou emoção

Você confunde meus sentimentos
Quando estou com você
Estranhos são esses momentos

A incerteza do seu olhar
Não me revela se quer
Por mim se apaixonar

A sensação que eu tenho
É que sempre vou amá-la
Você me deixa trêmulo
Faz palpitar meu coração

Que estranho amor
Que paira no ar
E a intensa dor

De não saber se um dia vai me enamorar.

Adrian de Lima Baraúna 9º ano A

JULGAMENTO FINAL

No dia do julgamento final
Vejo um filme
Que incomoda a mente
Me deixa descontente

Vi tudo aquilo que vivi
De bom e de ruim
Como se fosse uma memória
Momentos sem fim

Meus últimos tormentos
Estão por vir
Mas tenho certeza que
Um dia vão ressurgir

João Vitor Pereira 9º ano C

JULGAMENTOS

Viver em um mundo onde só sabem julgar
Escolhas, medos e arrependimentos
Me fazem querer pensar
Não vou desistir e pelos meus sonhos vou lutar

Lutar por dias
Melhores e profundos
Não quero nada de ruim
Que haja nesse mundo

Dar valor às oportunidades
Superar todas as dificuldades
Nesta vida sou filha forte
No meu vocabulário não há sorte

Tudo o que faço conquisto na raça
Não quero nada de graça
Conquisto meu espaço
Sou a melhor no que faço.

Mariah Vitória Gonçalves 9º ano B

PESSOAS

Não é fácil confiar
As pessoas sempre vão decepcioná-lo
Vão mentir, enganar, iludir e até testá-lo
Mágoas são difíceis de superar

Algumas pessoas até valem a pena
Pois amam de verdade
Mas acontece que pessoas você sempre vai perder
Você decide por quem vale a pena sofrer

Nem sempre são perdas
Devemos nos acostumar
Pessoas vem e vão a todo momento
Talvez seja livramento.

Mariah Vitória Gonçalves 9º ano B

E SE?

E se traçássemos outro caminho?
Se mudássemos nosso destino?
Se pudéssemos apagar lembranças?
Desligar os sentimentos e não ter esperanças?

E se tivéssemos felicidade na vida?
Se todos os dias fossem alegres?
Se todo dia tivesse sol?
Será que seria legal?

Se não tivéssemos que passar por momentos ruins?

Já parou para pensar?

Será que teríamos discernimento?

Será que aproveitariámos o momento?

Ou seriam todos os dias iguais?

Não precisaríamos passar maus momentos

Seríamos todos felizes

Sem qualquer tipo de sofrimento

Mas devemos acreditar

Tudo de ruim que passamos

É porque Deus permitiu

Para a vitória um dia chegar.

Mariah Vitória Gonçalves 9º ano B

REFLEXÃO

O nosso amor desmoronou e isso foi o fim

Você não percebeu e tudo se desabou em mim

Agora as lágrimas que caem são de dor

Sofrimento e ausência de um amor

Tudo tem um fim

O nosso amor se quebrou sem você pensar em mim

Não diga que me ama

Pois suas palavras são insanas

Eu quero que tudo exploda

Vão para os ares

E que você morra

Não de dor, mas por amor

Desejo tudo de bom em sua vida

Espero que encontre um amor sem medida

Para que você sinta o que um dia me fez sentir

Essa mesma solidão que ainda vive em mim.

Luciana Vitória Ribeiro da Silva 9º ano C

VAIDADE

Toda mulher tem vaidade
Elas se enriquecem em felicidade
Luxo, ganância e dinheiro
É o que as mantém o tempo inteiro

Elas pensam que vaidade é tudo
Mas a velhice chega para todo mundo
Sem mais nem menos a beleza acaba
E tudo vira um nada

A vaidade corre em suas veias
Como se fosse uma corrida de sereias
A beleza para muitos é um ponto forte
Até que chegue a morte!

Luciana Vitória Ribeiro da Silva 9º ano C

AMOR PROFUNDO

Era um lindo casal
Um amor descomunal
Viveram momentos de esplendor
Sem mágoa e sem dor

O sentimento era de coração
Se resumia em paixão

Esse amor foi proibido pela diferença social
Lucia não suportou a dor
Em seu coração cravou um punhal

*Ana Beatriz de Oliveira
Aluna concluinte do Projeto Crescer*

MORTE

Ao lidar com a morte
A gente precisa ser forte
Porque inesperadamente
Um amigo morre, que falta de sorte!

Bem antigamente
Quando criança
Crescia e sonhava
Em me tornar um homem de valia

O grande desafio
É superarmos a morte
É preciso pensar em algo que nos conforte.

João Vitor Pereira 9º ano C

VIDA

Minha cabeça está no mundo
Cheio de pensamento profundo
Com muita preocupação
Que aflição!

Em um pensamento além do normal
Sentindo-me um ser irracional
É preciso ter fé de criança
Pois sempre há uma esperança

Marcelino Aparecido dos Santos Argolo Junior 9º ano B

AMOR

Um menino apaixonado
Sem graça tem ficado
Por uma linda menina
Ficou muito encantado

Ele não suportava seu olhar
Queria ter forças para desabafar
No fundo ele sabia
Que por ele, ela também poderia um dia se apaixonar

Sem pensar convidou-a para jantar
Era a oportunidade
Do amor começar.

Richard Leonardo Domingues Bello 9º ano B

CASA DO BOM MENINO DE ARAPOONGAS



Lions Clube de Arapongas



PROJETO CRESCER

CNPJ: 77.355.675/0001-88
Rua Pato Bravo, 197 - Jd. Cultura
Arapongas - PR - CEP 86706-670
Fones: (43) 3252-1784 - (43) 3252-0874

Certificado de OSCIP - Organização da Sociedade Civil
de Interesse Público. Lei 9.790/1999.
Processo MJ nº 08071.007912/2007-65.
Diário Oficial de 14 de Junho de 2007.

Lei Rouanet - Lei 8.313/1991. Lei Federal de Incentivo à Cultura.

www.projetocrescerarapongas.org.br
casaobommenino@hotmail.com
<https://www.facebook.com/casadobommeninodearapongas>